Capítulo 1 – O amuleto

Nossa história começa em uma cidade fictícia, com o nome fictício, de origem fictícia, que ficticiamente não existe. Entretanto, ficticiando os fatos (Certo, eu paro com isso)... Bem, voltando ao contexto principal, nossa história se inicia na cidade X. Está é uma cidade comum, sem um MC Donalds, com um shopping bem meia boca, e praticamente no meio do mato. Resumindo, uma típica cidade caipira do interior. Nessa cidade, existiam várias (Mentira) formas de passar o tempo. Uma delas era o jogo de truco. E dentre os vários jogadores de truco desta cidade fictícia, um deles se destacava pelo fato de ser uma negação completa no jogo. Apesar de ser um blefador de primeira. Claro, todos na pequena cidade já conheciam sua fama, e estava ficando cada vez mais difícil blefar.

- TRUUUUUUCOOOOOO!
- Tsc, esse cara só blefa! Cai então!
- Ahhhh, eu não tenho nenhuma carta que preste! F*deu!

Bom, para aqueles que não entendem patavinas nenhuma de truco, só é necessário dizer que o tal cara acabou de fazer uma cagada daquelas. E como ele cagava cada vez mais, estava difícil para ele encontrar alguém que quisesse jogar no seu time. Em um belo dia, quando em meio a uma partida como outra qualquer, ele viu palavras escritas em uma de suas cartas:

- Siga a lebre verde. E se prepare, pois a ancora te pegou.

O cara tomou um baita de um susto, e acabou soltando um daqueles gritinhos de gay, o que fez com que todos à sua volta ficassem assustados. Nesse momento alguém gritou truco, e toda atenção acabou se voltando para o jogo. Após uma humilhante derrota, ele resolveu pensar sobre o que tinha visto na carta. Começou a examinar o

baralho, mas não encontrou nada. Seu primeiro pensamento foi:

- Putz, to assistindo Matrix demais. To até imaginando coisas!

Depois, ele pensou melhor, e resolveu que estava se excedendo nos seus blefes, e ia parar um pouco de jogar truco, pois isso estava afetando sua cabeça. Quando estava no caminho de volta para casa, viu um sujeito de dois metros de altura, com o físico do Jean Claude Van Damme e uma cara mal encarada, andando pela rua. O mais curioso de tudo é que ele tinha uma tatuagem no braço. Uma tatuagem de lebre verde! Então, o cara (o blefador) resolveu ignorar os riscos de perseguir um cara que tem três vezes sua altura, e foi atrás do sujeito, pra ver onde isso ia dar (Segundo fontes secretas, ele foi mais interessado no fortão do que na tatuagem, mas isso nunca foi confirmado).

Após dez minutos de caminhada, o fortão parou num barzinho de beira de esquina, dos mais vagabundos, e começou a beber. Quando percebeu que não tinha dado em nada seguir o carinha, que agora estava bêbado, o blefador pensou em ir embora. Foi quando se deu conta de que em uma mesa, estava um grupinho de seis pessoas jogando truco. Ele foi dar uma olhada no povo jogando, pois mesmo sendo um idiota completo, ele gostava de jogar truco. Foi nesse momento que ele percebeu em um dos times, a presença de uma pessoa que blefava muito, mas muito mais que ele.

Ele blefava em todas jogadas, com cartas, ou sem cartas, e seus parceiros pareciam desesperados para tentar evitar seus blefes. Mas o que mais chamava a atenção naquele outro blefador não eram seus blefes, e sim sua aparência. O cara, não parecia ser um cara. Na verdade, ele tinha a aparência de um esqueleto, um esqueleto que tinha apanhado muito, antes de ser enterrado, e deixado debaixo da terra por pelo menos uns vinte milhões de anos. No entanto, o único que parecia estar notando que o cara era quase um cadáver era o blefador mais jovem. Após algumas rodadas de jogo, o cadáver se virou para o blefador e disse:

- Espere um pouco, já falarei com você. Só espere-me terminar de jogar com esses marrecos.

- ...

O blefador tinha vontade de sair correndo dali, afinal conversar com um cadáver não é uma coisa muito agradável de se fazer. Entretanto, contrariar o cadáver não parecia ser uma boa idéia naquele momento, então o blefador acabou ficando. Nisso, após a emocionante partida, o cadáver, que agora não parecia mais tanto um cadáver, disse para ele:

- Então, você joga truco?
- Sim – Respondeu o blefador, sem saber o porque de estar conversando com um semicadáver.

O blefador estava muito apreensivo (pra não dizer que estava quase cagando nas calças de tanto medo). Nesse momento o cadáver mostrou pro blefador duas pequenas âncoras, uma vermelha e uma azul, e disse:

- Bem, chegou a hora. Preciso escolher um sucessor.
- Sucessor de que? – Perguntou o blefador.
- Da geração de âncoras. – Respondeu o cadáver.
- Que? – Disse o blefador, meio que sem entender direito.
- Escolha uma das âncoras. – Disse o cadáver – A vermelha lhe deixará como está, com uma grande diferença. Você se tornará um jogador de truco de primeira, um dos maiores de todos os tempos, e não será mais um blefador como sempre foi. Mas se você se sente como eu me senti um dia, com a sensação de que o mundo não está no lugar certo, e que todos deviam blefar mais, escolha a ancora azul, e você receberá os poderes da âncora. As duas âncoras são amuletos poderosíssimos. Faça sua decisão.

O blefador pensou muito. Parecia que naquele momento sua vida passava diante

de seus olhos. Mas após pensar mais um pouco simplesmente disse:

- Quero a âncora azul!

O cadáver sorriu, se é que cadáveres conseguem sorrir, e entregou a âncora azul para o blefador.

- Sabia que você é o escolhido. Meus instintos não se enganam. Agora você é o novo homem-âncora!
- Hã? Sou o que?
- O novo homem-âncora. E agora você deve sair por ai e utilizar-se de seus poderes. Que a âncora esteja sempre com você!

E com essas palavras o cadáver definhou. Escolhido? Poder da ancora? Cadáveres? O blefador estava muito confuso. Mas agora, ele tinha com ele o poder da âncora. Seja lá o que isso signifique...

Capitulo 2 – Blefar, blefar, blefar e blefar para variar.

O segundo capítulo das crônicas que narram as aventuras de nosso herói começam em um supermercado, onde o blefador (Apresentado no primeiro capítulo) está escolhendo um ovo de páscoa para comer, já que ele já era um marmanjo, e por isso sabia que não ia ganhar nenhum ovo de páscoa de ninguém. Enquanto ele estava contando as moedas em seu bolso para ver o tamanho do ovo que ele ia levar para casa (Sem malicia, por favor), alguém chegou por trás dele (Já falei, sem malicia!) e perguntou:

- Escolhendo ovo de páscoa? Vai acabar engordando, hein?

Era um colega do blefador, daqueles que jogavam truco com ele na hora do intervalo. O blefador, meio sem noção que era, não prestou atenção no que o carinha estava falando, até que seu colega perguntou:

- E o campeonato de truco? Vai participar?
- Hã? Campeonato de truco? Onde? Como? Quando?

Como um jogador de truco profissional (Isso existe?) como outro qualquer, o blefador ficou interessado na mesma hora. Depois de sair do supermercado com seu colega, o blefador ficou sabendo que iria haver um campeonato logo no dia seguinte de truco na escola. Para aqueles que acham que é estranho uma escola organizar um campeonato de truco, já vou explicando que o campeonato apenas ia ser na escola. Pois onde já se viu? Uma escola organizando campeonatos de truco seria o fim da picada! Se bem que hoje em dia... Não se pode duvidar de nada.

Bem, voltando a nossa história, o blefador voltou para sua casa, jantou, e resolveu que iria para escola jogar no dia seguinte, para testar os tais poderes que ele recebeu por ter escolhido a âncora azul (Para aqueles que não tem a mínima idéia do que seja a âncora azul, recomendo a leitura do primeiro capítulo das crônicas. Aqueles que

continuam sem entender, tente ler o livro “Pingüins do pólo norte e pingüins do pólo sul: Diferença de dois mundos”. Não vai fazer diferença nenhuma, e você só vai perder seu tempo procurando o livro que não existe, mas fazer o que? Eu precisava arranjar um jeito de ocupar mais espaço no texto).

Já faziam dois dias desde que o blefador tinha recebido sua ancora, e desde então não tivera nenhuma oportunidade de testar seus poderes. Sabia, ao ver o cadáver jogar, que ia se tornar um blefador como ele, mas isso seria o de menos, já que ele sempre blefava, e não seria uma ancora que ia mudar a situação. Ou será que seria? O blefador começou a ficar apreensivo. Então, para passar o tempo, ele pegou seu ovo de páscoa e um baralho, e começou a jogar truco sozinho.

Um detalhe que ele achou muito estranho enquanto jogava sozinho foi que das trinta partidas que ele jogou, ele perdeu todas! Sem nenhuma exceção! Parecia que tinham jogado uma praga nele. Meio preocupado com o dia seguinte, o blefador decidiu dormir.

Durante a noite, ele teve meia dúzia de sonhos relacionados a ancoras, cadáveres, homens usando cuecas por cima da calça, e outros que nem vale a pena mencionar. No dia seguinte, ele acordou cedo como fazia todo dia, e foi para escola. Após algumas aulas chatas, chegou o intervalo. O blefador tratou de arranjar dois parceiros, e se inscreveu no campeonato.

Os parceiros do blefador ficaram meio com a pulga atrás da orelha de ter que jogar com ele, mas após ele prometer que não ia fazer cagadas, os dois aceitaram jogar. Bela ilusão. Foi a pior partida de truco da vida do blefador. Ele não saiu com cartas decentes em nenhuma das jogadas. Perdeu na primeira rodada do campeonato, sem nem ao menos ter como blefar!

Uma humilhação total. E o pior de tudo foi que a ancora não demonstrou nenhum poder especial! Indignado, o blefador resolveu voltar ao bar onde encontrou o cadáver, para tirar satisfações! Afinal, a tal ancora só podia estar com defeito! Chegando ao bar, não foi difícil encontrar o cadáver, que estava em uma mesa, jogando truco, e pelo que parecia, blefando tanto quanto da ultima vez. O blefador esperou a partida de truco acabar, chegou para o cadáver e começou:

– Seu cadáver desgraçado, idiota, essa ancora de um e noventa e nove veio com defeito, você me enganou, filho da mãe, nunca perdi tão feio na vida, é culpa dessa...Dessa ancora!

– Ei, calma meu filho! O que aconteceu?

– Calma o escanbau! Essa porcaria de ancora veio com defeito!

– Hum? Defeito? Isso nunca aconteceu antes, em centenas de gerações de ancoras! Deixe –me ver a ancora!

O blefador entregou a ancora para o cadáver.

– Hum. Por acaso você realizou o ritual coçaquicoçalá da ancora?

– Hã? Ritual? Que ritual?

– Aha! Então é isso! O ritual está no manual de instruções, você não leu?

– Que manual? Não to sabendo de nenhum manual!

– Ih, eu acho que esqueci de entregar! Bom, toma ele aqui agora!

O cadáver entregou um livro um pouco maior que a bíblia para o blefador. Ele arregalou os olhos, começou a virar as paginas, e disse:

– Ah, você está brincando comigo! Como vou ler um livro desse tamanho?

– Se vira meu! Ah, para avisar, o ritual está na primeira página.

O blefador olhou para primeira página e encontrou uma lista que se estendia até a décima página, contendo noventa e nove itens que faziam parte do tal ritual para se tornar o homem âncora. Para vocês terem uma idéia da bizarrice da coisa, o primeiro item era: “Deite-se de bruços no meio de uma avenida movimentada, numa noite de lua cheia, à meia noite, durante a chuva, e recite a primeira estrofe de os lusíadas!”.

– Que? Que palhaçada é essa? Eu nunca que vou fazer isso!

Quando o blefador se voltou novamente para o lugar no qual o cadáver estava ocupando, não havia mais ninguém lá. Decidiu então voltar para sua casa, carregando o livrão, e começou a folhea-lo. Então, ele começou a pensar:

“Bem, agora, eu já comecei com essa bizarrice. Então, não vai fazer mal terminar”.

E com esse pensamento, o blefador decidiu. Ia realizar as noventa e nove bizarrices que o manual do homem âncora (Título da capa) estava impondo. Ia ser meio louco, mas fazer o que? Se esse fosse o único meio de recuperar sua habilidade de blefar, ia ser isso que ele ia fazer! Mas em primeiro lugar, ele precisaria encontrar o livro “Os lusíadas”, e decorar sua primeira estrofe...

Capítulo 3 – Depois de muito tempo...

Na ultima crônica, o nosso herói (Herói? Esqueça, eu não disse isso!) estava se preparando para realizar os rituais que iam transforma-lo num verdadeiro homem âncora. Como ele ainda tinha que estudar, esperou até as férias para realizar os rituais, e esse é o motivo deste capítulo ter demorado tanto para ser escrito.

Bom, ele começou a realizar o ritual coçaquicoçalá que estava no manual do homem âncora. Um pequeno livrinho de vinte e quatro vezes vinte e quatro vezes vinte e quatro página, que explicava detalhadamente todos os passos desse ritual. Em dezessete dias, o blefador já estava na parte noventa e sete dos noventa e nove itens deste ritual. Os três últimos passos do manual eram relativamente fáceis, e o carinha (Deve estar um saco ficar sem saber o nome do carinha. Mas como ele prefere ficar anônimo, o único jeito é continuar chamando ele de... carinha!) já tinha realizado todos os preparativos.

A parte noventa e sete era perder no jogo de truco com um blefe idiota. Para o carinha, isso não foi nem um pouco difícil. O artigo noventa e oito do ritual dizia para ele correr três quilômetros por sua cidade, com as mãos erguidas para o alto gritando uma série de frases desconexas. Vocês devem estar se perguntando como raios ninguém achou estranho um Zé mané qualquer correndo no meio da cidade de mãos erguidas. A resposta é simples: Para o carinha realizar os outros noventa e seis passos do manual ele já tinha feito coisa muito mais idiota, e por isso, ele sair correndo por ai de braços erguidos tinha parecido até normal. Bom, voltando ao contexto da história, ele finalmente tinha terminado noventa e oito passos dos noventa e nove do manual do homem ancora. Quando ele virou a página, para verificar o próximo passo, encontrou escrito:

"Se você chegou vivo até aqui, parabéns. Antes de terminarmos o ritual coçaquicoçalá do manual do homem ancora, desejamos ter o desprazer de informar que os outros noventa e oitos itens do ritual não precisavam ser realizados. De verdade, o único ritual que realmente importa neste manual é o noventa e nove, o que será apresentado a seguir".

Bem, vocês podem (ou não) imaginar o que se passou pela cabeça do carinha no momento seguinte. Ele sentiu uma série de emoções conflitantes dentro de si, e começou a gritar que nem louco, só parando quando percebeu que todos estavam olhando para ele. Sensatamente resolveu voltar para casa, e ler direitinho o manual do homem ancora antes de sair fazendo outros rituais desnecessários por ai, e deixar a cidade pensando coisas piores sobre ele.

Quando voltou para casa, sua mãe (Ele tem uma mãe, eu nunca mencionei isso?) o obrigou a estudar por um bom tempo. Na calada da noite, quando já havia escurecido, o nosso jovem herói (Droga! Chamei ele de herói de novo! Credo!) retomou a interessante leitura. Sentiu mais raiva de si mesmo quando descobriu que o ritual noventa e nove era o mais importante, e que os outros noventa e oito foram realmente desnecessários.

Bem, nessa mesma noite ele começou seus preparativos para aquele que seria o mais importante passo na sua carreira como jogador de truco. Após umas danças ritualísticas engraçadas, e muita gritaria, o blefador chegou a ultima página do manual do homem ancora. Ele deveria dizer com as mãos nas costas, e os cotovelos juntos, ajoelhados, em voz alta a seguinte frase: “Juro por todos os deuses do truco (Isso foi muito forçado...) que minha vida será totalmente e unicamente dedicada à arte de blefar. Aceito de bom grado o encargo de homem ancora. E garanto que nem a sorte nem mesmo o azar me impedirão de realizar essa árdua tarefa”. Então, o blefador começou a gritar as palavras para si mesmo (E toda vizinhança, que por sinal estava acordando):

- Juro por todos os deuses do truco... – A ancora que estava no bolso do blefador começou a brilhar...
- ...Que minha vida será totalmente e unicamente dedicada... – As paredes do quarto do blefador começaram a brilhar...
- ...À arte de blefar. Aceito de bom grado o encargo de homem ancora... – O blefador sentiu um vento passando por suas roupas...
- E garanto que nem a sorte nem mesmo o azar me impedirão de realizar essa ÁRDUA TAREFA!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

O que aconteceu a seguir foi muito rápido e confuso. As paredes desapareceram, o chão desapareceu, o teto desapareceu, o céu desapareceu, e por fim o mundo todo, o universo passou a sumir. O blefador se sentiu só no nada...

Quando acordou, ele estava em uma espécie de lago. Quando olhou mais perto, viu que o lago era de sangue ao invés de água. Mas quando ele acabou engolindo um pouco do sangue por acidente (O lago não estava dando pé) ele viu que o sangue não era sangue. Era groselha. Confuso, sem entender o porque de estar ali, e não no seu quarto, viu uma corda aparecer na sua frente.

Sem pensar duas vezes, o carinha agarrou a corda, e quando olhou para cima viu luzes, vindo de uma espécie de avião. Enquanto subia, percebeu que estava pelado. Mas estava todo vermelho de groselha, e acabou não se importando muito com o detalhe. Quando ele subiu a bordo, percebeu que a tripulação do avião era toda formada de pessoas vestida de uma roupa de cor verde. E estranhamente, muitos estavam jogando truco. Após receber umas roupas, e comida, ele começou a disparar uma série de perguntas:

- O que aconteceu? O que estou fazendo aqui? Quem são vocês? Por que raios eu cai naquele lago de groselha? Por que o narrador dessas crônicas tem minhocas na cabeça?

O cara que tinha aparência mais importante no local, indiferente à pressa do carinha, disse calmamente:

- Segure-se em sua cadeira. Você está no século 29, no planeta Trucon. Você caiu no lago de groselha por que acabou de se livrar das correntes da realidade que o prendiam a falsa sensação de estar no planeta terra. Tudo isso graças à ajuda do cadáver, nosso líder.
- Que? – Perguntou o carinha – Como não estou em meu planeta? Que palhaçada é essa? É pegadinha do Faustão? Cadê a câmera escondida?
- Não é pegadinha. Você está em outro mundo.

Bom, o dialogo completo entre os dois demorou duas horas. Como eu sei que você que está lendo isto não tem o mesmo tempo que os dois, vamos resumir e adiantar a história para vocês:

“Há muito tempo atrás, quando ainda existiam faraós no antigo Egito, um faraó entediado criou o jogo de truco. Muitas reviravoltas ocorreram desde então, desde a criação de regras para mão de onze até a criação das âncoras lendárias. Isso é a história do jogo de truco, versão não oficial.

Mas na verdade, o que todos desconheciam é que o faraó na verdade, era um alienígena do planeta Trucon. Ele tomou o lugar do verdadeiro faraó e difundiu entre os terráqueos o jogo de truco por achar que a terra era um lugar muito chato para se viver. Quando morreu, teve orgulho do legado que deixou. Os anos passaram e o jogo de truco evolui pelas eras. Mas um belo dia, na época do descobrimento do Brasil, os Ets de Trucon descobriram que os terráqueos tinham se tornado jogadores excepcionais de truco.

Temendo que eles pudessem ser superados como os melhores jogadores de truco do universo, eles aprisionaram todos os humanos do planeta em naves criogênicas, com suas mentes aprisionadas em um mundo fictício, que simulava a terra em seus vários aspectos, inclusive no jogo de truco. E para que os ets pudessem manter contato com o avançado jogo de truco dos terráqueos, os Ets criaram várias âncoras, os símbolos sagrados do planeta Trucon, para que pudessem sair do mundo terráqueo, e ir para o mundo de trucon livremente.

Eles só não contavam com a profecia... Um terráqueo, descendente do faraó que difundiu o jogo de truco na terra com uma terráquea, descobriu os segredos de um ET. Ele roubou a âncora, e descobriu toda a terrível realidade sob a qual fomos submetidos. Com o tempo, ele passou a destruir os Ets no mundo terráqueo ajudando a humanos a atravessar os dois mundos livremente como ele podia fazer.

Ele acabou percebendo que os jogadores que jogavam truco como ele, da maneira dos truconianos (habitantes de Trucon), blefando, podiam ser mais facilmente libertados que os outros jogadores de truco. Ele também percebeu que não importava o quanto ele se esforçasse, não conseguia libertar para o mundo de Trucon as pessoas que não

jogavam truco.

Após algumas vindas e idas, os truconianos conseguiram pegar nosso líder, quando ele tinha a avançada idade de cento e vinte e sete anos. Mas ele conseguiu apelar para o poder de uma de suas âncoras preferidas, e se manteve vivo. Hoje ele vive no mundo terrestre, fazendo previsões do futuro. Isso tudo há quinhentos e quatro anos atrás. Agora estamos no ano sete mil novecentos e trinta e quatro de Trucon, e no ano dois mil e cinco do calendário terrestre. O nosso profeta ainda está vivo, andando pela Terra e recrutando novos soldados para nossos exércitos".

A cabeça do blefador estava girando após tanta informação inútil que recebera. Ele não estava entendendo direito o que estava acontecendo. Tudo que ele viverá até agora era parte de um plano maluco de ETs jogadores de truco? Isso realmente estava parecendo pegadinha do Faustão. Agora, se é mesmo uma pegadinha do Faustão, ou se os jornais sensacionalistas tem uma nova noticia para publicar, isso você só vai descobrir no capítulo quatro! Continue lendo!

Capítulo 4 – Âncora Reloaded

Para aqueles que acharam que o ultimo capitulo foi uma pegadinha de mau gosto, e que este novo capítulo ia demorar pelo menos dois meses para ser lançado, vocês estavam quase certo, erraram por pouco. Eu realmente estou escrevendo as crônicas depois de dois meses de espera, mas o terceiro capítulo não foi uma pegadinha de mau gosto.

Continuando, na última parte o blefador, nosso personagem principal (Não por minha opção. Eu até tentei chamar o Tom Cruise, ou algum outro ator famoso para representar o personagem principal, mas como todos eles estavam ocupados, e suas imagens não iam aparecer em formato textual, eu decidi catar um Zé mané qualquer na rua para ser protagonista. E no fim deu no que deu), estava descobrindo um pouco mais sobre o novo mundo em que tinha caído.

Descobriu que o mundo como nós conhecemos é uma ilusão criada para que alienígenas impedissem que os humanos se tornassem os melhores jogadores de truco do universo. E também descobriu que o cadáver que tinha dado a âncora para ele já tinha mais de seiscentos anos, e talvez por essa razão ele fosse um cadáver.

Após essas descobertas saudáveis, o blefador se sentou em um canto do avião, e ficou pensando na sua vida, nos seus amigos, em tudo que tinha acontecido com ele, e começou a chorar, coitado. Era muita M*rda pra cabeça dele em um só dia. Os outros tripulantes do avião, vendo isso, o confortaram, e o levaram para um quartinho do próprio avião, no qual haviam umas setenta camas, e deixaram-no dormindo lá. No dia seguinte, o mesmo cara que contou toda a história de nossa humanidade para ele veio o acordar.

- Vamos lá, acorde, seu preguiçoso! – Disse ele.
- Não, mãe, eu quero dormir mais um pouco, não tem aula hoje... – Foi a resposta.

Vocês devem imaginar que logo o carinha percebeu que não estava em casa. Quando acordou fez uma pergunta para o cara que parecia ser uma autoridade no avião:

- E agora? O que faço, agora que vocês me forçaram a sair de minha vida?
- Bem, isso depende de você. Você tem a âncora azul. Você pode escolher ficar e nos ajudar a libertar, aos poucos, os restos da humanidade, ou então, você pode escolher fazer com que o poder da âncora te leve de volta pra sua casa, pra que você continue lá para sempre, com a consciência de que algo está errado no mundo.
- Caso eu escolha ficar, o que faremos?
- Bem, primeiro nós temos que ir ver o profeta na Terra. Ele é a pessoa que diz a cada um dos novos libertados qual é a sua principal missão de vida.

O blefador tomou sua decisão. Agora ele conhecia a verdade. Não ia mais ser um humano normal. Não podia. Decidiu ficar. Quando disse isso, alguns libertos comemoraram, outros choraram de felicidade, outros fizeram cara de quem comeu, mas não gostou. No geral, a reação de todos foi boa.

Alguns dias depois, o blefador estava sendo preparado para sua primeira incursão na Terra, depois de sua libertação. Nesse meio tempo, ele descobriu que existiam cerca de doze aviões de humanos no mundo de Trucon. Cada um deles tinha uma tripulação de cinqüenta a sessenta pessoas. E cada um desses aviões era chefiado por um humano que tivesse experiência no ramo. O líder da nave no qual o blefador estava era conhecido como “o pingüim”, por motivos que ninguém quis contar para o carinha. Antes da viagem, o pinguim puxou o blefador para um lado e disse:

- Prepare-se, pois esta viagem será tão, senão mais, turbulenta que sua primeira viagem de vinda para cá.
- OK. Só tenho uma pergunta. Por que raios nós vamos com um grupo de vinte pessoas ver o tal profeta? O resto vai fazer o que na terra? Piquenique?
- Não seja tolo! – Riu o pingüim – Lembre-se que na terra existem muitos truconianos. Eles são seres extremamente perigosos, já que são eles que manipulam a terra, desde tempos primordiais. Se por acaso nos encontrarmos com um desses truconianos, teremos que deixar nossa visita ao profeta para outro dia.

E torcer para que todos voltem com vida – Completou sobriamente.

Ignorando essas palavras, o blefador fez como todos a sua volta, e pegou sua âncora. Ela agora já não estava brilhando como no dia em que chegara a Trucon, mas ele tinha a sensação de que ela estava mais pesada.

- Então, todos prontos? – Perguntou o pingüim.
- Ei, ei, esperem! Como eu faço para ir para a terra usando esta âncora? Ninguém me ensinou isso ainda!
- Preste bem atenção, iniciante: Pegue a ancora com sua mão esquerda, coloque-a em frente de seu rosto, e grite: “TRUCO!” – Disse um dos homens que estavam cercando o blefador, desaparecendo logo em seguida.

O blefador repetiu o movimento, e logo em seguida, uma explosão de gritos ecoou por todo avião. Finalmente o blefador estava voltando para casa.

No momento seguinte, o blefador sentiu seu estomago saindo de seu corpo, seu cérebro se enrolando, suas pernas se espremendo, e seu braço se comprimindo. Essa sensação durou alguns breves segundos, e logo depois, ele se viu em um galpão abandonado, uma paisagem conhecida, próxima à sua casa. Seu primeiro impulso foi tentar voltar para sua casa. Nesse momento o pingüim segurou seu ombro:

- Não adianta querer voltar agora. Depois que você decidiu de uma vez não voltar mais para cá normalmente, os truconianos apagam toda ficha de alguém na terra. Para os outros terráqueos, você simplesmente nunca existiu.

O blefador se sentiu inconformado por ninguém tê-lo avisado antes, mas logo depois acabou se conformando. Ele e sua guarda particular foram andando pelas ruas, atraindo alguns olhares. O mesmo povo que já havia considerado o blefador louco uma vez, agora o consideravam louco de novo. Ou, pelo menos excêntrico. Após algumas ruas

e alguns quarteirões, todos chegaram em um local que parecia um supermercado abandonado.

Quando entraram no local e as luzes se acenderam, o blefador viu a insana visão de milhões de cartas de baralho posicionadas por todo o supermercado, sobre todas prateleiras. Sua primeira vontade foi de sair dali correndo. Foi quando ouviu uma voz conhecida gritando:

- Truco!

Ao que todos os outros que estavam acompanhando o blefador gritaram:

- Seis!

E das sombras do supermercado surgiu o cadáver. Aquele mesmo cadáver que tinha feito o blefador escolher a âncora para que ele entrasse nessa doideira toda. Mas agora ele não parecia mais um cadáver. Na verdade, se não fosse pela voz, o blefador nunca teria identificado o cadáver como o cadáver. Sua aparência era muito melhor agora, e ele estava usando roupas decentes. Nada, mas nada o indicava como o ser putrefato que ele havia encontrado dias antes.

- Ora, ora! O jovem blefador está aqui na terra novamente, acompanhado de alguns novos amigos. Isso quer dizer que você seguiu o caminho que eu esperava que você seguisse.
- É. Bom, eu... – O blefador começou a dizer, mas foi interrompido pelo pingüim.
- Então, profeta, explique o porque de você ter dado uma das duas ancoras mais poderosas para este Zé mané? Todos nós, libertos, batalhamos dia após dia, lutando para que possamos um dia ser reconhecido por nossas habilidades, ganhando a âncora azul, ou a âncora vermelha, e vem um senhor ninguém rouba toda nossa glória!

- Tenha calma, pingüim. Eu fiz o que fiz, por que fiz. E só eu tendo feito um feito, é feito um defeito. Mas fazendo as contas, primeiro temos os afazeres a fazer. –Disse idiotamente o não-mais-nem-um-pouco-parecido-com-um-cádaver-cádaver.
- Ah, certo. – Concordou o pingüim. – Cervo, águia, levem o novo recruta para a sala de interrogatório. Vá com eles, sem fazer perguntas, novato. O profeta irá para lá logo, primeiro eu tenho que fazer umas perguntas para ele.

Um homem e uma mulher se destacaram da pequena multidão, e acompanharam o blefador até uma porta, no fundo do supermercado de cartas. Eles fizeram um sinal com a cabeça para que ele entrasse pela porta. Quando obedecu, teve uma visão estranhamente fantástica. A porta por onde ele acabara de entrar dava em uma cadeia de montanhas enormes, algumas ainda cobertas de neve. Pássaros voavam por toda redondeza, e ao longe se via o sol se pondo. Enquanto o carinha se perdia nesta visão, uma voz atrás dele falou.

- Que tal, você gostou? Estamos na Nova Zelândia, e várias cenas do filme “O senhor dos anéis” foram gravadas aqui. – Era o não-mais-cadaver, que estava olhando despreocupado para um bando de pássaros voando baixo.
- Estou impressionado. Sabe, eu estive pensando... – Ele começou, mas foi interrompido.
- ...E acha que o pingüim não gosta de você? Bem, ele não gosta de ninguém realmente. Um jovem muito amargurado, ele. Foi despertado aos catorze anos, sempre foi um excepcional blefador. Mas receio que foi um erro que cometi ao liberta-lo tão cedo.
- ... – O blefador não tinha palavras. Como raios ele sabia o que ele ia dizer?
- Você deve estar se perguntando como eu sabia o que você ia dizer. Mas isso é simples, depois que você vive seiscentos anos, convivendo com as pessoas.
- E... – continuou o cadáver –, eu já conversei sobre isso com o pingüim, e também tenho que contar para você. Você é aquele que foi escolhido por meu antepassado truconiano para ser o lendário homem ancora.

O blefador não tinha palavras. Agora, realmente era pegadinha do Faustão, estava na hora de aparecer a câmera escondida. Mas como o cadáver não disse nada, e ficou com um sorriso misterioso na cara, ele resolveu perguntar:

- E o que seria um lendário homem ancora, senhor...
- Carneiro, ao seu dispor. Bem, estou certo de pensar que o pingüim já contou a história de como o jogo de truco chegou na terra, não é mesmo?
- Sim.
- Então, o homem ancora é aquele destinado, segundo as profecias do meu antepassado, de libertar de vez todos os humanos e restabelecer novamente um planeta de verdade para todos os terráqueos, livre da influencia de todos truconianos.
- E como você sabe que eu sou esse tal homem âncora?

Verdade. Como será que o carneiro sabia que justo o blefador Zé-mané seria o homem âncora? Será que é algum segredo escondido? Uma maldição? Uma marca? Eu também queria saber. E você talvez esteja querendo saber, talvez esteja querendo sair correndo pelado pela rua gritando, eu sei lá. Mas de qualquer modo, continue lendo o quinto capitulo da crônica da ancora!

Capítulo 5 – A espada de espadas

No ultimo capítulo, mais informação inútil foi adicionada na pobre mente do blefador. E no momento que eu o encerrei, o blefador fazia a seguinte pergunta para o cadáver:

- E como você sabe que eu sou esse tal homem ancora?

O carneiro (Você não sabe quem é o carneiro? É o ex-cadaver, que como não é mais cadáver, não podia mais ser chamado de cadáver) olhou para o blefador com uma expressão indefinível no rosto. Ele parecia estar com pena do jovem blefador. Mas logo no momento seguinte ele disse com uma voz amargurada:

- Não podemos fugir de nosso destino. Simplesmente, você é o homem ancora. E ponto final.
- OK, você acredita que meu destino é ser o homem âncora. Mas eu não acredito em destino! Cada um decide o que vai ser de sua própria vida – Disse o blefador, em um tom levemente indignado.

O carneiro ia responder, quando gritos ecoaram pela porta de onde os dois tinham entrado seguidos de uma explosão. O cadáver saiu correndo, e deixou o blefador pensando sozinho. No instante seguinte, ele decidiu o que faria. Se fosse para ser, que fosse. Ele aceitaria o encargo de homem âncora. A humanidade tinha que conhecer a verdade.

Quando ele entrou pela porta, e pisou novamente no supermercado de prateleiras abarrotadas de baralhos ele teve mais uma visão insana. Um bando de cinco drag queens estava trocando tiros com as pessoas que tinham vindo com ele de Trucon para a Terra. Por um instante, a confusão parou, pois todos olharam em direção a porta de onde estava o jovem blefador. As drag queens olharam para ele, trocaram um olhar de compreensão, e

miraram suas armas em direção ao homem ancora (Como ele aceitou ser chamado assim, eu vou começar a chamá-lo assim também ao invés de escrever blefador), que ficou sem ação por um momento.

Em seguida, as drag queens dispararam suas armas, mas atingiram o homem que havia acompanhado o homem âncora até a porta onde ele teve a conversa com o carneiro. Um momento antes de que as balas pudessem atingir seu alvo, ele pulara na frente do homem âncora. Sangue jorrou por todos os lados.

- CERVO! NÃO! – Gritou desesperadamente o pingüim, que estava escondido atrás de algumas prateleiras. Ele pulou, e com alguns disparos derrubou as prateleiras sobre as drag queens, o que pareceu que as tinha deixado sem ação. Mas no instante seguinte, o pingüim segurou o homem ancora, e gritou:
- Temos que sair daqui!
- Mas por que? Elas já foram amassadas mesmo, caíram umas três prateleiras de ferro em cima delas! – Disse o homem ancora.
- Não seja burro! São truconianos disfarçados! Nem mesmo mil tiros podem destruir um deles!

Os libertos saíram correndo para fora do supermercado, enquanto o carneiro disparava tiros seguidos sobre as prateleiras que tinham caído sobre os truconianos. No momento seguinte, as drag queens pularam para cima do carneiro.

- Não podemos abandona-lo! Eles vão matar o carneiro! – Gritou o homem ancora.
- Esqueça, ele não vai ser derrotado por alguns alienígenas qualquer. Temos que nos preocupar primeiro com você! – Respondeu o pingüim, enquanto olhava para trás.

Eles saíram correndo, e o homem âncora perguntou:

- E como faremos para voltar para nosso avião? Como voltamos para trucon agora?
- Bom, não é muito simples. A única coisa que pode nos levar de volta para trucon é uma privada. – respondeu o pingüim.
- QUE? – Disse o homem ancora, estupefato.
- Isso mesmo que você ouviu. É o único portal que permite que voltemos para Trucon. Jogamos nossas âncoras na privada, e puxamos a descarga, o que nos manda diretamente de volta para nosso avião. – Disse o pingüim, no mesmo momento em que duas drag queens pularam na frente do grupo de libertos.

No exato momento em que isso ocorreu, o pinguim deu alguns tiros que derrubaram as drag queens e saiu correndo em direção a um prédio próximo de onde eles estavam. Entraram no primeiro apartamento que conseguiram, e um por um os libertos iam jogando as ancoras nas privadas, puxando as descargas e desaparecendo. Sobraram apenas o pingüim e o homem âncora.

Quando o homem âncora ia jogar a sua ancora na privada, a privada estourou. Um grupo de cerca de sete drag queens estava no apartamento, cercando os dois. O pingüim não se desesperou, e empunhou sua ancora como se fosse um escudo. Os tiros pareciam parar no ar à frente do homem âncora e do pingüim. Parecendo fazer muito esforço, o pingüim disse:

- Corra para o apartamento de cima, e fuja! Eu fico aqui e seguro os truconianos!
- Eu não posso fugir daqui, e deixar você sozinho! Também quero lutar! – Respondeu o homem ancora, sentido a raiva fluir contra os tais truconianos.
- Esqueça, você é apenas um novato incapaz, o que raios você poderia fazer contra um bando de truconianos armados? FUJA! – Gritou o pingüim, no momento que uma bala atravessou o campo de força invisível que ele estava mantendo com o auxilio de sua âncora.
- NÃO! EU NÃO VOU FUGIR! EU QUERO LUTAR! – Gritou o homem ancora, sentindo sua raiva explodir de vez, por ter sido chamado de novato incapaz.

No momento em que a palavra fugir escapou de sua boca, a âncora azul do homem âncora começou a brilhar. E nisso, ela mudou seu formato, tomando a forma de uma espada negra, no formato do naipe do baralho de espadas. Quando o homem âncora viu a espada em sua mão (Sem malicia, por favor, o momento é sério, e o homem âncora precisa se concentrar), ele percebeu como um reflexo o que ele devia fazer.

Pulou para cima dos truconianos, derrubando três, com um único golpe. Os quatros restantes, ao verem o poder da arma, saíram correndo desesperados. O pingüim olhou para a espada na mão do homem ancora, e disse:

- Que diabos foi isso?
- Isso, meu caro amigo pingüim, é a prova de que o jovem aqui é mesmo o homem ancora. – Disse o carneiro ex-cadaver, que nesse momento entrava pela porta do apartamento destruído, e analisava a cena rapidamente. – Apenas ele sendo o homem âncora poderia ter despertado a espada espadas, uma coisa que eu nunca tinha conseguido fazer.
- Então é verdade mesmo...? – Disse o pingüim, parecendo desolado. – OK. Talvez você seja mesmo o homem ancora.

O homem âncora achou que estava bom que o pingüim estivesse começando a considerar o fato de que ele era mesmo o homem ancora. Salvara a vida dele, e achava que merecia pelo menos uma palavra de gratidão, mas ele dizer que talvez ele seja mesmo o homem âncora já era um bom começo. Foi quando surgiu em sua cabeça uma duvida:

- Como eu consegui acionar esta espada?
- Bom, a espada espadas é uma espada que é acionada com o comando de voz fugir, dado pelo homem âncora. Essa é apenas uma das magníficas qualidades que você pode liberar, equipado com essa magnífica ancora, mas não será hoje que você vai despertar todas elas, afinal, a paciência é uma virtude. – Disse sabiamente o carneiro.

O homem âncora suspirou, e quando olhou para a espada em sua mão, percebeu que ela já retomara a sua forma original de âncora. Despreocupado, ele caminhou para fora do apartamento, e olhou para o céu enquanto o pingüim e o carneiro discutiam:

- E o que você vai fazer agora? – Perguntou o pingüim.
- Não sei. Agora que os truconianos descobriam o supermercado, acho que eu não poderei mais voltar para lá. Vou ver se consigo recrutar mais alguns jovens para integrar nossas fileiras. Portanto, não me procure!

Algum tempo depois, o homem ancora estava de volta ao avião em Trucon. Ele foi ao seu quarto e decidiu dormir. Estava mais tranqüilo, e sua cabeça começava a entender melhor o mundo onde estava. Pois agora, ele tinha uma identidade. Era o homem âncora. E nada em trucon, nem na terra poderia tirar isso dele...

Capítulo 6 – A sociedade da âncora

Um ano truconiano se passou desde que o homem âncora voltara para sua nave naquele fatídico dia em que realmente decidira ser o homem âncora. Você que está lendo a crônica deve me dar os parabéns, afinal, estou escrevendo este capítulo um dia depois de ter escrito o capítulo anterior. A dúvida que fica é se a qualidade vai se manter no texto... A resposta é não, a qualidade não vai se manter, o texto vai ficar pior do que já era.

Bom, já faziam seis meses terráqueos desde que o homem ancora tinha decidido se tornar realmente o homem âncora. Desde então, ajudara muitos jogadores de truco recém chegados a aprender mais sobre o mundo de Trucon, fizera muitas incursões na Terra, e derrotara muitos truconianos. Era de tarde no planeta de Trucon, e logo o sol ia nascer. O homem âncora e alguns companheiros (Gavião, Macaco e Gorila) estavam jogando trucos sossegadamente dentro do avião em que eles moravam, conhecido como torpedo das estrelas sete. Nesse momento o pingüim entrou desesperadamente na sala onde eles estavam, e gritou para o homem ancora:

- Rápido! Venha comigo!

O homem ancora saiu correndo, sem ousar desrespeitar as ordens do pingüim, autoridade máxima da nave. Em um instante, o pingüim colocou uma mochila nas costas do homem ancora, e jogou ele do avião.

- AAAAAAAAAAAHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHH! OOOOOOOOOOO QUUUUUUUUUUUUEEEEEEEEEE ÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉ IIIIIIIIIIISSSSSSSSSSSOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOO?

Foi quando ele percebeu que a mochila que ele recebera era um pára-quedas. Puxou a cordinha, e no mesmo instante o pára-quedas se abriu. Depois do choque ele ficou pensando o que acontecera para que ele fosse mandado tão repentinamente para

fora do torpedo das estrelas sete. Quando pensava se tinha blefado demais quando jogava truco no avião, ele chegou ao chão, sofrendo um baque inesperado.

Ao se levantar, reconheceu na mesma hora que tinha chegado às proximidades de Condeda, uma das únicas vilas humanas existente em toda Trucon. Os seis meses que já estava em Trucon já tinham sido suficientes para obriga-lo a pousar por lá, junto com o pingüim em busca de mantimentos para os tripulantes do torpedo.

Bom, melhor voltar para Condeda do que ficar vagando sem rumo nos mundos dos truconianos, pensou o homem ancora. Então, ele guardou o pára-quedas na mochila, e saiu andando. Quando ele chegou na vila, todos os cidadões estavam realizando seus afazeres diários. Quando o homem âncora colocou seus pés na vila, foi recebido por uma mulher, a onça que normalmente comandava um outro avião dos terráqueos em Trucon. Quando o homem ancora a viu, sua primeira reação foi cumprimenta-la, mas antes disso, a onça se adiantou, e disse:

- Tome. Leve isso com você. Você deve seguir para a cidade de ouros, e esperar pelo pingüim na estalagem do viajante cansado – Disse, entregando ao homem ancora um pequeno embrulho, que continha algo consideravelmente pesado dentro dele.

O homem ancora foi empurrado pela onça em direção à floresta de onde ele saira, o que deixara ele extremamente confuso. Ele não entendia como ia entrar na cidade de ouros, que era habitada por truconianos, e fortemente guardada. Foi quando decidiu olhar para ver o que havia dentro. E dentro do embrulho, ele encontrou uma âncora dourada, que parecia ser menor do que as âncoras que eles e os outros libertos usavam, mas em compensação, mais pesada. Quando olhou novamente para a âncora, um estranho desejo de toma-la para si se apoderou do homem âncora.

Mas esse desejo foi interrompido quando um barulho de cascos de cavalo fez com que o homem âncora, que agora estava ficando um pouco mais esperto, se escondesse depressa atrás de uma árvore. Um truconiano com a aparência de um advogado de terno e gravata, passou por ele montado num cavalo. Antes de qualquer coisa, devo dizer que uma coisa que o homem âncora tinha descoberto nesses dias, era que os truconianos

tinham formas muito variadas. Desde as drag queens que ele encontrou no ultimo capítulo, até advogados, como vimos neste.

O advogado passou correndo em direção à cidade de Condeda, e o homem âncora sentiu um certo alivio em ter saído de lá. Sabia que os truconianos consideravam inofensivos os humanos que viviam em Condeda, mas também sabia que se ele fosse encontrado por lá, ele seria exterminado imediatamente, devido aos seus últimos desencontros com eles. Saiu correndo, e decidiu que ia entrar em ouros dizendo que era um mercador que ia passar a noite lá, e que ele tinha vindo de Condeda.

Como mercadores de Condeda sempre iam para ouros, sua atitude não ia parecer tão suspeita (Pode parecer estranho que haja humanos residindo em Trucon, mas segundo um fato histórico, que foi contado pelo pingüim para o homem âncora, alguns humanos ganharam o direito para si e para seus descendentes, de residir no planeta de Trucon, despertos, devido a uma guerra ocorrida no passado, no qual os truconianos receberam ajuda de alguns terráqueos. Pronto, acabou a aula de história). Ao segundo entardecer do dia, agora, perto da noite, o homem âncora chegou perto de ouros. O porteiro da cidade olhou desconfiado para o homem âncora e perguntou:

- Ei, eu não conheço de algum lugar?
- Acho improvável que conheça. – Disse o homem ancora, realizando sua especialidade: blefar. – Eu sempre viajei o mundo, e voltei para minha casa em ouros estes dias atrás. Agora peço desculpas, pela minha grosseria, mas meus negócios interessam apenas a mim.
- Ok, ok, me desculpe. Eu só perguntei por que é meu trabalho. – Disse o porteiro, se desculpando, e logo em seguida abrindo a porta.

Quando o homem âncora entrou na cidade, se dirigiu imediatamente para a estalagem do viajante cansado. Quando chegou lá, não deu outra. O pingüim estava em uma mesa, com roupas civis, junto de outros libertos, que ele já conhecia de vista. Quando o pingüim viu que o homem âncora havia chegado, o chamou a mesa na qual eles estavam sentados. Quando o homem ancora se sentou, a primeira pergunta que o

pingüim fez foi:

- E a ancora dourada?
- Está aqui. – Respondeu o homem ancora, desembrulhando a ancora.
- Ótimo. Entregue-me. – Disse um homem com cabelos brancos, à direita do pingüim.

O homem âncora olhou para o pingüim, que devolveu um olhar de aprovação para o homem âncora. Quando ele foi entregar a ancora, percebeu que não era isso que ele desejava fazer. Ele cogitou sair correndo com a ancora, mas com muita força de vontade, conseguiu deixar que o tal homem de cabelos brancos pegasse a ancora.

- Então, é esse o tesouro de Magaiver? – Disse ele.
- Sim. Todos os generais dos doze aviões têm o passado de mão em mão, mas nenhum deles tem tido sucesso em ocultar a presença do item. – Respondeu a onça, que também estava lá, conforme o homem ancora percebera agora.

Agora que ela mencionara, o homem ancora percebera a importância da reunião. Os doze generais dos doze aviões! Os mais graduados libertos no uso da ancora, reunidos. Ele fez menção de se levantar, e sair dali, mas o pingüim disse:

- Você fica ai. Ainda precisaremos de sua ajuda.

O homem ancora se sentou novamente em sua cadeira. O assunto estava realmente fora de controle se a ajuda dele era necessária. Foi quando o homem de cabelos brancos disse:

- E por que você acha que esse novato pode dominar esse poder? Ele não parece

grande coisa para mim.

- Eu já disse, leão. O carneiro, nosso grande profeta confia nele. Acho que isso já deveria ser suficiente. – Respondeu o pingüim.
- Ora, todos sabemos que as previsões do carneiro são uma grande furada! – Disse um homem de cabelos loiros, que parecia indignado. – Como alguém pode afirmar que toda a humanidade será salva? Nunca conseguimos libertar sequer uma única pessoa que não joga truco!
- Você deveria mostrar mais respeito pelo homem que mostrou toda a verdade do mundo para você, leopardo. – Disse a onça.

Foi quando um gesto inusitado do leão interrompeu a discussão. Ele pegou a âncora e olhou para ela por alguns segundos, como se estivesse hipnotizado. Esperou alguns instantes, e gritou:

- TRUCO!

A âncora dourada brilhou, e todos os truconianos perceberam a presença do item. O leão parecia descontrolado, gritando de prazer, enquanto balançava a âncora no ar. Rapidamente, o pingüim dominou o leão, e tirou âncora de seu alcance, cobrindo-a com um pano logo em seguida. Todos os truconianos do bar olharam feio para os generais, e o dono do bar, um truconiano com a aparência de um garçom disse:

- Vocês devem sair daqui.

O homem ancora fez menção de sacar sua ancora azul, mas o pingüim segurou sua mão, e disse:

- Não queremos confusão. Controle-se.

Os doze generais saíram da estalagem, e foram conduzidos para fora da cidade de ouros por uma multidão de truconianos que pareciam estar todos nervosos com a presença deles no local. Logo que saíram, o Leão disse em tom de quem se desculpa:

- Não sei o que aconteceu comigo... Eu simplesmente senti que devia pegar aquela âncora dourada, e ativa-la...
- Não precisa se desculpar, isso aconteceu com todos os outros onze generais, inclusive eu. A ancora dourada está querendo voltar para seu dono, Magaiver. – Disse o pingüim.
- Afinal, por que eu estou aqui? – Perguntou o homem âncora, abrindo a boca, deixando escapar uma das várias duvidas que assolavam sua cabeça no momento.
- Você está aqui para carregar a âncora até o local onde ela foi criada, nas montanhas da achação, nas terras de mordo. – Respondeu o pingüim, com uma expressão em seu rosto que parecia pena.

O leão pareceu desconfortável. Parecia que ele queria gritar que o homem âncora era um incapaz ou alguma coisa parecia, mas ele não abriu sua boca. Vendo que o silêncio pairava, o homem âncora resolveu perguntar:

- E quem é Magaiver?

Seguida essa pergunta, o silêncio reinou totalmente, e todos generais pareciam pouco a vontade. Eles se entreolharam, suspiraram, respiraram fundo, e adiaram a resposta ao máximo. Mas foi quando o pingüim finalmente quebrou o silêncio, explicando quem seria Magaiver. Caso você esteja curioso para saber quem é Magaiver, leia o capítulo sete! Caso você não esteja nem um pouco curioso, vá comprar uma lata de coca cola na esquina, e traga o troco para mim. Caso você nem tenha lido esta crônica, problema é seu. Saiba que sua vida é melhor assim. Ah, chega de bobagem. A aventura continua... No próximo capítulo. Não percam!

Capítulo 7 – A história de Magaiver

Foi o leão que começou a narrar:

"Há muito, muito tempo, quando os terráqueos ainda eram livres, e os truconianos ainda estavam apenas começando sua dominação sobre a terra, descobrindo os perigos que os terráqueos poderiam representar para supremacia de sua raça no jogo de truco, um truconiano se destacou na sua luta para escravizar os terráqueos. Foi ele quem criou as naves criogenicas nas quais os terráqueos são mantidos prisioneiros hoje em dia. E foi ele quem decidiu que os terráqueos deveriam ser banidos da terra, e suas mentes colocadas num planeta fictício que deveria ser mantido para que os truconianos pudessem dominar suas técnicas.

Esse era o primeiro ministro de trucon no momento. Esse era Magaiver. Seu poder era pequeno, se comparado aos grandes líderes do planeta. No entanto, com uma série de articulações minuciosas, Magaiver conseguiu a amizade daqueles que poderiam trazer a ele o poder. Os fabricantes das âncoras de Trucon. Dominando suas técnicas, Magaiver criou várias âncoras especiais, que tinham grandes poderes, mas que na verdade serviriam para um único propósito: Leva-lo ao poder. Com grandes negociações, presenteou cada líder de trucon com uma dessas âncoras especiais, despertando a cobiça de seus donos. Todos eles acabaram se tornando submissos a essas ancoras.

O ultimo passo de seu grande plano foi criar uma âncora dourada, que poderia servir como o comandante de todas as outras âncoras que foram dadas para os comandantes de trucon. Magaiver então ascendeu como o comandante Maximo de Trucon."

Nesse momento, o homem âncora interrompeu a narrativa, parecendo intrigado com algo. O leão perguntou:

- O que foi? Algo lhe incomoda?
- Não, depois eu falo. Continue, a história está interessante. – Respondeu o homem

âncora.

“Bem, os truconianos podem ter todos os defeitos que você acha que eles têm, mas eles não admitem ser dominados por um ditador. O povo se ergueu contra seu novo líder, e longas guerras começaram por todo planeta de Trucon. Após vários anos de luta, Magaiver foi derrubado, e condenado ao exílio eterno. Sua alma foi presa nas montanhas da achação.

Enquanto isso, a âncora deveria ser destruída, nas terras onde foram criadas, Mordo. Mas o que ninguém esperava é que a ambição invadisse os pacatos truconianos. Um deles, dominado pelo poder da âncora, fugiu com ela, querendo todo seus poderes para si mesmo. Ele sumiu por algum tempo, mas por sorte, foi morto antes que algo mais grave pudesse ocorrer.

O problema é que hoje em dia, muitos truconianos acreditam que Magaiver foi um grande líder, e apóiam sua volta ao poder, e isso seria horrível para nós. Magaiver, do jeito que é, com certeza tentaria destruir todos humanos em trucon, e quem sabe, também os que estão presos nas naves criogenicas”.

- Mas se muitos truconianos querem que Magaiver volte, o que os impede de conseguir? – Perguntou o homem ancora.
- Este objeto no embrulho. A âncora dourada. – Disse o pingüim, que agora estava com o embrulho nas mãos.
- Magaiver deseja voltar, e a maioria dos truconianos apóia sua volta, mas ele não pode fazer isso sem a âncora dourada, que é o único artefato que pode restaurar seu corpo físico, e suas capacidades mentais como eram há mais de quinhentos anos atrás... – Continuou o leão.
- E porque justo eu tenho que levar a ancora dourada paras terras de mordo? Eu nem mesmo faço idéia de onde elas ficam! – Disse o homem ancora indignado.
- Você não irá sozinho. – Disse de maneira simples o pingüim. – Eu o acompanharei nessa jornada.
- Eu também pretendo ir. – Disse a onça.

- Parem com isso! Como pretendem acompanha-lo? Os truconianos não irão deixa-los em paz, enquanto souberem que um idiota como esse está com o único meio que resta para conseguirem libertar um de seus maiores lideres! – Gritou o leão.
- É por isso mesmo que eles devem ir juntos. Sozinhos, os terráqueos não têm grandes poderes, mas trabalhando em equipe, um grande potencial se desenvolve. – Disse o carneiro, que assustou todos, que não haviam percebido que ele estava junto á eles.
- Carneiro! O que faz em Trucon? – Todos perguntaram.
- Estou apenas de passagem. Vim dizer que aconteça o que acontecer, o homem ancora não deve ser deixado sozinho carregando esse fardo. Eu roubei essa ancora dos truconianos, para impedi-los de devolve-la a Magaiver, e sei pelo período em que a carreguei, que a vontade que ela tem de retornar ao seu verdadeiro senhor é muito grande. E como ultimo lembrete: Os truconianos habitantes de ouros não gostaram nada de ver a ancora dourada na sua cidade, já que lá a maioria é contra a volta de Magaiver, pela proximidade que eles tem com os terráqueos, mas em outras cidades, podem ter certeza que vocês serão caçados e mortos se for descoberto que vocês estão carregando esse artefato. Portanto, tenham cuidados redobrados! – Disse, logo em seguida colocando sua âncora vermelha em mãos, gritando truco, e desaparecendo logo em seguida.

Os generais doze generais da âncora se olharam em silencio. Já fazia mais de dez anos que o carneiro não vinha para Trucon, e sempre que ele vinha, era sinal de que a situação estava mesmo grave. O pingüim tinha consciência disso, e disse:

- Devemos partir logo! Mais alguém quer nos acompanhar?

Todos os generais pareciam estar pouco à vontade e incomodados. O pingüim percebeu isso. E com raiva gritou:

- Medrosos. Estão com medo de chegar perto de Mordo, e serem capturados por

truconianos? Então tudo bem, nós três iremos sozinhos!

- Esperem! Eu vou acompanha-los! – Disse um dos generais, que parecia ser o mais jovem de todos os doze ali. – Eu devo minha lealdade a vocês dois, que salvaram minha vida, e por isso não posso deixar de acompanha-los numa empreitada perigosa como esta.
- Ótimo, jovem tigre. Mais alguém se oferece? – Perguntou novamente o pingüim.

Ninguém se ofereceu. E por isso, foram quatro que saíram, em direção as terras de Mordo. O homem âncora, novamente atordoado por mais uma tempestade de informações que recebera no mesmo dia, perguntou:

- Afinal, porque os outros generais não vieram conosco? Pelo que eu entendi, o que estamos fazendo pode decidir o destino de todos terráqueos!
- É por que eles têm medo. São todos libertos há muito tempo, e agora consideram que suas vidas são valiosas demais para serem perdidas em uma causa tão tola quanto o bem da humanidade. Uma tolice, na minha opinião. – Disse o tigre, aparentemente muito insatisfeito com a situação. – Eu me tornei general há pouco tempo, e percebi que os outros generais, com exceção do pingüim, da onça e de touro, estão se tornando meio desinteressados pelos assuntos terrestres.
- Mas e por que esse tal touro não veio também? – Perguntou o homem ancora.
- É por que toda tripulação de sua nave, a espada da galáxia dois, foi destruída, pois algum traidor, dentre os libertos, contou o dia exato em que ela pousou em trucon para reabastecer seus alimentos. Agora, ele passa a maior parte de seu tempo na Terra, junto ao carneiro, recrutando uma nova tripulação de libertos para sua nave, e os treinando. Não sei nem como ele conseguiu arranjar um tempo para vir a essa reunião de hoje...
- E por acaso, todos os generais também tiveram uma reação como a do leão lá em ouros quando pegaram a ancora dourada? – Perguntou o homem ancora mais uma vez.
- Sim. – Respondeu o pingüim. – você, parece ser o único dos libertos, junto ao

carneiro, que ainda tem certa imunidade, mesmo carregando a ancora. Só queria saber o porque dele não querer que deixemos você sozinho... Mas deve ter algum motivo importante! Agora, temos que nos preocupar em chegar sãos e salvos na cidade de Kopas. Ali vivem mais terráqueos, e lá os truconianos não entram, pois eles se isolaram do resto do planeta há muito tempo atrás. De lá, traçaremos o melhor caminho para chegarmos em Mordo. Mais alguma duvida?

- Só uma. – Disse o homem ancora – Por que a ancora dourada tem que ser destruída justo nas terras onde foram criadas? Não seria mais fácil simplesmente joga-las no mar, ou até mesmo leva-la para algum canto obscuro da terra?
- Pode parecer estranho... – Começou a onça... – Mas o único meio de derreter a ancora dourada, é leva-la para o local onde ela foi forjada, pois o único modo de destruir uma ancora truconiana é expô-la a uma temperatura superior à da qual ela foi moldada. E o único local em todos os mundos no qual temos uma temperatura tão alta é nas próprias terras de Mordo.

O homem ancora ficou quieto após ouvir essas palavras. Nunca imaginará que teria que se expor a uma jornada tão perigosa: Carregar uma ancora maldita que queria voltar para seu dono, através de uma terra cheia de alienígenas hostis, acompanhado de três companheiros, sem garantia nenhuma de que poderia sair vivo dessa empreitada. Enquanto ele organizava esses pensamentos, o barulho de cascos de cavalos chamou a atenção dos quatro.

- Ah não, truconianos! – Disse o homem ancora.
- Sim, parece que sim. Provavelmente ouviram falar do que aconteceu em ouros, e esperam nos pegar pelo caminho. Mas não vamos deixar. – Disse o pingüim, e no momento seguinte, os três generais da ancora que acompanhavam o homem ancora sacaram suas ancoras com expressões ameaçadoras em seus rostos.
- É melhor que você se esconda, ou fuja logo daqui. – Disse o tigre.
- Ora... Eu... Não... Vou... Fugir! – Retrucou o homem ancora, empunhando a espada espadas em sua mão, e enfiando o embrulho que continha a ancora dourada em

seu bolso.

E logo que o homem ancora empunhou sua espada, os quatro foram cercados por um bando de cerca de quinze truconianos, todos com aparências medonhas: Açougueiros, advogados, motoristas de caminhão, advogados, drag queens, advogados, entre outros. Sem nenhuma palavra, eles avançaram sobre os quatro, para serem repelidos logo em seguido por uma chuva de golpes dada pelos generais.

O homem ancora não se mexeu, impressionado com a habilidade que os três demonstravam. Não era à toa que eles eram considerados os melhores. Em poucos segundos, os quinze truconianos estavam estirados no chão.

- Vamos! Não podemos perder tempo! – Gritou o pingüim, e com essas palavras os quatros saíram pela estrada, em direção à cidade de ouros. O homem ancora ainda organizava seus pensamentos, pois ainda estava impressionado com a luta que acabara de presenciar. Sabia que os truconianos eram mais fracos quando estavam em Trucon, mas mesmo assim, agora, vira um perfeito massacre. Pensando no dia em que se tornaria tão hábil quanto um daqueles generais, perguntou:
- Como é que alguém passa a ser considerado um general da ancora e ganha o comando de uma nave própria?

Nesse instante, o rosto dos três generais se tornou sombrio, e eles pareciam estar em duvidas se deveriam ou não responder a essa inusitada pergunta. E a resposta talvez esteja no capítulo oito, já que por enquanto, minha paciência para escrever acabou de se esgotar... Até a próxima!

Capítulo 8 – As terras de Mordo

O rosto dos três generais que acompanhavam o homem ancora se abaixaram. Os três pareciam pouco à vontade, e nenhum deles respondeu a pergunta do infeliz, deixando-o no vácuo, e fazendo-o perguntar o porque de ninguém querer falar sobre o assunto. Se você não leu o capítulo sete, e não sabe de que assunto eu estou falando, o problema é totalmente seu, e eu não ligo, já que não sou pago para escrever este monte de porcaria.

A viagem seguiu em silencio. Os três generais ainda empunhavam suas ancoras, e o homem ancora sentia que o clima ficava mais tenso à medida que avançavam em direção à montanha da achação, nas terras de Mordo. Foi o tigre quem quebrou o silencio:

- Que coisa, não? – Começou. – Quando jogava truco sossegado na terra, nunca teria imaginado que existisse uma história tão profunda por trás daquele jogo tão divertido...
- Tem razão. – Continuou o pingüim. – Nunca pensei que um dia estaria em um mundo tão estranho como Trucon... Ei, olhem lá! A cidade de Kopas está próxima!

O pingüim apontou o dedo para o horizonte, e lá o homem ancora teve mais uma visão bizarra: Um prédio gigantesco de mais de cem andares se erguia logo à frente de onde os quatro estavam.

- Aquilo é a cidade de Kopas? – Perguntou o homem ancora, assombrado com a grandeza da construção.
- Sim! Não é linda? – Respondeu a onça, parecendo encantada! – Foi aqui que eu nasci e fui criada! Enquanto estivermos em Kopas, pode ter certeza: Estaremos seguros de encontrarmos qualquer truconiano!

O homem ancora se surpreendeu. Não sabia que a onça tinha nascido em Trucon. Absorveu essa pequena informação começando a se interessar mais por aquela que era a única mulher entre os doze generais da ancora.

- Você nasceu em Trucon? Eu não sabia disso.
- Sim. Eu sou a única entre os doze generais que nasceu neste planeta. – Disse a onça, parecendo orgulhosa.

O homem ancora absorveu essa informação também. E após mais uma pequena caminhada, os quatro finalmente alcançaram a cidade de Kopas. Olhando de perto, aquela imensa construção parecia ainda maior. Na entrada do prédio, dois guardas os barraram:

- Identificação, por favor.

Os três generais mostraram suas ancoras, e o homem ancora imitou-os mostrando sua ancora azul. Os dois guardas abriram os portões, e o homem ancora teve que se esforçar para não desmaiar diante do que ele via: O interior do prédio era magnífico, se equiparando aos maiores shoppings centers de toda a Terra. Milhares de pessoas circulavam pelo local, muitas saiam de algumas lojas, outros esperavam pelo elevador, enquanto algumas crianças pareciam brincar no que parecia ser uma espécie de fliperama. E ainda se via alguns lugares que pareciam ser casas, onde óbviamente os moradores moravam.

O homem ancora ficou abobalhado com a magnitude daquilo tudo. Só voltou a si quando o pingüim o chamou, para que eles pudessem pegar o elevador até o andar onde havia alguns bares. Lá, os quatro escolheram uma mesa, onde se sentaram e começaram a discutir os planos de viagem. OK, vou ser sincero. Os três generais discutiam os planos de viagens. Porque a única coisa que o homem ancora fazia era olhar para os arredores com um ar abobalhado e uma cara de quem ia desmaiar a qualquer momento.

Mas não podemos culpa-lo. Se você fosse um terráqueo idiota, que tivesse morado a vida inteira numa cidade fictícia que não tem coisa nenhuma para fazer, também ia ficar

impressionado com a visão que o homem ancora teve. Bom, agora, voltando para a história, o tigre estava gritando algo quando o homem ancora começou a se acostumar com a grandeza da visão.

- NÃO PODEMOS IR POR ALI! É PERIGOSO DEMAIS!
- Shhh! Fale mais baixo! – Sussurrou o pingüim. – Mas acho que você tem razão. Por ai não ia dar certo. O que você acha onça?

Foi nisso que os três perceberam que a onça não estava lá com eles. O homem ancora, para falar a verdade, não tinha percebido ainda. O tigre reclamou algo, quando a onça apareceu, com outras roupas, parecendo feliz com alguma coisa, o que trouxe o homem ancora de vez para o mundo material.

- Para onde você foi? –O pingüim começou a reclamar, mas foi interrompido pela onça.
- Fui visitar alguns amigos. E então? O que vocês decidiram? Vamos por onde? – Disse ela.

A discussão recomeçou nesse mesmo instante. Agora, mais dois discutiam: A onça, que tinha uma opinião totalmente diferente da dos dois outros generais, e o homem ancora, que como não conhecia quase nada sobre o mundo de trucon, mais atrapalhava os outros três do que qualquer outra coisa. Foi quando alguém disse:

- No fim, o melhor é pegar a estrada da estrela dourada. O caminho é mais longo, mas não há risco de encontrar nenhum truconiano no caminho.

Os três generais deram um pulo, e o homem ancora era lerdo demais para perceber o que tinha acontecido: Um outro homem estranho tinha entrado na conversa, e agora estava dando suas opiniões há algum tempo, como se fosse a coisa mais natural

do mundo.

- Ei! Quem é você? Desde quando está aqui? – Esbravejou o pingüim.
- Ah, não acredito que é você! Pingüim, Tigre, homem ancora, apresento a vocês o filho do prefeito de Kopas: Liros! – Disse uma entusiasmada onça.
- Vejo que não se esqueceu de mim, Onça. – Disse o jovem, agora se ajeitando melhor na mesa. – Bem, pelo que pude ver, vocês pretendem ir para as montanhas da achação, não é mesmo? Se quiserem, posso servir de guia para vocês, afinal, conheço o caminho como ninguém.
- Ora, é claro que... – Começou a onça, mas foi interrompida pelo homem ancora.
- ...NÃO! – Disse ele num tom de voz tão ignorante, que até mesmo assustou os outros dois generais, impressionados por ver o homem ancora dando uma de macho.
- Ok, ok, estou vendo que não sou bem vindo por aqui... – Disse Liros, se afastando rapidamente ao ver a cara de mau que o homem ancora estava fazendo.
- Ora, o que há com você? Por que você fez isso? Ele poderia ser útil durante a viagem! – Disse a onça, parecendo furiosa.

O homem ancora não respondeu, e apenas virou a cara, irritado. Ok, a onça perguntou o que estava havendo, mas você leitor esperto, já deve estar sacando que o homem ancora está apaixonado por ela, e consequentemente com ciumes. O tigre, que não era bobo nem nada, olhou para a cena, e começou a dar risada sozinho, achando graça da situação. Mas o pingüim, que também começava a perceber os sentimentos do homem ancora, preferiu ignorar tudo, e começou a falar:

- Ei, está certo. Se formos pelo caminho que Liros apontou, mesmo demorando mais tempo, chegaremos sem encontrar truconianos pelo caminho, afinal aquela rota foi abandonada por eles há muito tempo...
- ... – O homem ancora ainda estava emburrado.

- Ok, então partiremos amanhã de manhã! – Disse o tigre, entusiasmado. Agora, vamos passear um pouco e amanhã nos encontramos na entrada da cidade.
- Sim, pode ser. – Disse o pingüim, que pareceu não prestar atenção nas palavras de tigre. Quando ele percebeu que deixou a viagem se atrasar, já era tarde demais. O tigre já tinha saído rapidamente, para que o pingüim não o impedisse. – Oh bem, agora já foi. Amanhã de manhã partimos então.
- E eu vou me desculpar com o Liros pelas atitudes de certa pessoa... – Disse a onça, olhando feio na direção do homem ancora.

Os dois se retiraram, e o homem ancora ficou ali, vendo as pessoas passarem felizes, sem saber que Magaiver poderia estar retornando, com tudo dependendo daquele estranho artefato que ele estava carregando no momento. De repente, uma estranha vontade se apoderou do antigo blefador: Já que estavam numa cidade totalmente segura, ele poderia ver com mais calma os poderes da tal ancora dourada. Suas mãos iam em direção ao embrulho, quando ele ouviu uma voz:

- Acho melhor você não fazer isso. – Era o carneiro (ex-cadaver).
- Carneiro! O que você faz por aqui em Kopas? – Disse o homem ancora, no mesmo instante em que a vontade de fuçar os poderes da ancora sumia.
- Bem, digamos que os truconianos pressentiram os nossos movimentos em direção às montanhas da achação, e provavelmente nossa jornada será mais difícil do que parecia inicialmente. – Disse, olhando distraído para uma mulher que passava.
- Nossa jornada? Isso quer dizer que você... – Começou o homem ancora, esperançoso.
- Que eu vou com vocês? Sim, isso mesmo. Receio que vocês terão que me agüentar por mais um pouco de tempo. – Disse, desviando sua atenção da mulher, e pedindo uma cerveja para o garçom.

O homem ancora se sentiu aliviado no mesmo instante. Mesmo com todo o peso

que estava carregando (Duas ancoras, que não devem ser nada leves), ele se sentiu mais seguro, já que o Carneiro parecia ser o mais sábio entre todos os libertos. Feliz, ele se despediu do Carneiro, e foi dar uma olhada mais profunda nas lojas da cidade. No dia seguinte, os cinco já se encontravam na entrada da cidade. A onça ainda estava visivelmente aborrecida com o homem ancora, e ele começava a achar que tinha exagerado na sua reação. Mas ele não ia voltar atrás, por ser orgulhoso demais para admitir que tinha errado.

E assim, cinco saíram da cidade de Kopas, em direção às terras de Mordo, numa viagem da qual talvez nenhum deles saísse vivo. O pingüim se surpreendeu ao ver que o Carneiro o acompanharia, mas o tigre e a onça não pareciam tão espantados. Quando questionados sobre isso, os dois disseram que era óbvio que nesse momento de extrema importância o Carneiro não gostaria de ficar de fora da diversão.

- Ei homem ancora! – Disse o carneiro, de repente.
- O que foi? – Respondeu o homem ancora, com um pulo, acordando de seus devaneios.
- Preciso saber! Você já descobriu alguma outra habilidade especial da ancora azul? – Perguntou, com os olhos brilhando de expectativa.
- Não, acho que não... – Disse o homem ancora, deixando o carneiro com uma cara de quem tivera o natal cancelado.
- Haha, esqueça, carneiro, ele está seguindo seu próprio ritmo! – Se intrometeu o tigre. – Não o apresse, afinal, é você mesmo que diz que a paciência é uma virtude!
- É, acho que você tem razão... – Disse, encerrando assim a conversa.

A viagem seguiu tranqüila e sem incidentes. No entanto, à medida que os cinco avançavam, o homem ancora percebia que a vegetação ia escasseando, e o sol brilhava menos. Sem animo, propôs que parassem para descansar ali, e todos concordaram com a idéia. Afinal, não deve ser nem um pouco divertido andar por ai carregando uma ancora, como todos os cinco estavam. Acamparam, e logo escureceu.

O homem ancora estava acordado, montando guarda, enquanto todos dormiam. Foi quando, de repente (Adoro esses “De repentes” que coloco na história. Eles dão tanta emoção...). Bem, quando de repente ele ouviu um barulho no meio do mato. Quando foi verificar, encontrou um rádio de controle remoto tocando a nova canção do desenho animado dos teletubbies.

Isso foi demais para a sanidade do homem ancora. Nesse instante, ele percebeu que sua vida nunca mais seria a mesma: Ele estava marcado pelo destino. Provavelmente algum truconiano havia deixado aquela perigosa armadilha por lá. Lutando para recobrar a consciência, o homem ancora gritou a primeira coisa que veio em sua cabeça, após pegar sua ancora azul na mão: TRUCO. E como você, leitor esperto, já deve saber, o homem ancora deveria ter sido teletransportado para a terra com esse singelo ato. Mas não foi isso que aconteceu.

Pois quando o homem ancora abriu seus olhos, ele estava num local totalmente branco. Penando que não tinha aberto os olhos ainda, ele olhou ao redor, meio confuso. E um medo insuperável tomou conta de seu coração amedrontado. Por isso, ele não se sentiu mal no momento em que pegou o embrulho da ancora dourada, e retirou seu conteúdo. No mesmo instante, sentiu que o mundo voltava a aparecer, e sentia que a coragem voltava a sua mente...

Entretanto, ele também sentiu que alguem, ou algo o observava, e virando para trás, presenciou outra cena que serviria para provar sua sanidade novamente: Um homem verde, de dois metros e meio de altura, cabelos rosa, usando uma espécie de biquíni azul com bolinhas amarelinhas, olhava para a ancora dourada na mão do homem ancora com uma expressão de cobiça. Assustado, o homem ancora perguntou:

- Quem é você?
- Acho que você já ouviu minha história. Eu sou Magaiver, verdadeiro dono do que você possui! Ordeno que a devolva para mim!
- Nunca! – Disse o homem ancora, se enchendo de coragem. – Esta ancora é... É... É... Meu precioso! (Ok, esta veio de senhor dos anéis).
- Aí é que você se engana. Manipulando a ancora, você mostrou o caminho que está

tomando. Você pretende vir até as terras de Mordo, destruir a ancora no mesmo fogo onde ela foi criada... Mas você não conseguirá! Pois você está vindo para o lugar onde eu fui aprisionado! E invariavelmente acabará voltando para mim...

A gargalhada maligna que Magaiver deu contrastou tanto com sua aparência bizarra (O biquíni nele deve ser uma graça!), que o homem ancora sentiu vontade de gargalhar junto com ele. Mas ele preferiu ser sensato, e embrulhou novamente a ancora dourada, utilizando-se de toda sua força de vontade. No minuto seguinte, ele estava de volta a Trucon, e o rádio com a fita dos teletubbies já tinha desaparecido.

Intrigado, o homem ancora preferiu guardar segredo sobre o que acontecera há pouco. Com certeza todos o achariam um incapaz se contasse que não havia conseguido resistir a tentação de usar a ancora dourada. Portanto, quando o sol nasceu, o homem ancora, que não havia dormido um minuto sequer, acordou seus companheiros, e todos seguiram viagem, sem saber do ocorrido. Uma ponta de remorso atingia o blefador, que sabia que estava fazendo uma coisa errada. Mas ele achava que era tarde demais para corrigir seu erro.

- Ei, por que você está pálido? – Perguntou a onça.
- Não é nada, mas obrigado por perguntar. – Disse o homem ancora, feliz pela preocupação demonstrada.

Os cinco dias de viagem que se seguiram foram calmos. Nenhum maníaco da machadinha, nem teletubbies, nem truconianos de biquíni, nem presidentes maníacos dos estados unidos apareceram para encher o saco do homem ancora. E ao fim desses cinco dias, os cinco avistaram pela primeira vez as famosas montanhas da achação... Sei que você leitor deve estar de saco cheio de ler esse plágio de meia tigela de senhor dos anéis. Eu também estou de saco cheio de digitar. Portanto, vamos concordar em uma coisa: Este capítulo já ficou longo demais. Portanto, a história continua no próximo capítulo...

Capítulo 9 – Desespero

Este é o penúltimo capítulo, e não adianta chorar. Após um ano escrevendo esta encheção de lingüiça, decidi que era hora de aproveitar melhor meu tempo útil. Portanto, vamos continuar sem enrolar. Após avistarem as montanhas da achação, todos ficaram em silencio, olhando extasiados para a grandeza da formação natural que viam à frente. Quem falou primeiro foi o carneiro:

- Finalmente estamos perto de nosso objetivo. Seguir por este caminho foi uma boa idéia. Quem o sugeriu?
- Bem, foi o Liros, lá em Kopas. – Disse a onça, lançando um olhar insatisfeito para o homem ancora enquanto falava.
- Hum... Liros, filho do prefeito de Kopas? – Perguntou o carneiro com um olhar intrigado.
- Sim. Esse mesmo. Ele até ia vir conosco, mas por causa de alguém... – Disse ela, fuzilando o homem ancora com o olhar – ele mudou de idéia e resolveu ficar por lá.
- Ah, me deixa em paz. – Disse o homem ancora, corando.
- No fim, acho que foi bom o homem ancora ter sentido ciúme de você. – Disse distraidamente o carneiro.
- HÁ! Eu? Com ciúmes dela? Nem morto! – Disse o homem ancora virando a cara para o lado, e desviando a atenção da conversa.
- É isso mesmo, por que raios ele teria ciúmes de mim? Epa, espere um pouco... – A onça começou a dizer. – Por que foi bom ele não ter vindo conosco?
- Lembram-se do que aconteceu com a nave do touro? A espada da galáxia dois? Bem, tudo indica que o traidor que dedurou a posição e o dia em que a nave ia pousar em Trucon foi Liros. – Disse o carneiro com uma expressão preocupada, olhando pelo caminho que vieram.
- EI! Então por que viemos pelo caminho que ele indicou? Isso não seria idiotice? Confiar nas indicações do inimigo? – Perguntou o pingüim, entrando na conversa.

- Sim. Mas eu não fazia a mínima idéia de que ele havia indicado o caminho. – Respondeu o carneiro. – Mas isso é estranho... Nada de mais aconteceu conosco até agora...

Ao ouvir essas palavras, a consciência do homem ancora pesou, e ele achou melhor contar para todos o incidente sobre seu encontro anterior com Magaiver. Ele começou sua narrativa sob os olhares de todos, e quando terminou, nenhum deles parecia indignado, como o homem ancora imaginava que eles ficariam. Eles pareciam mais com pena do homem ancora.

- Bem, isso muda toda a situação. – Disse o carneiro.
- Sim. – Disse a onça. – Mas antes de qualquer decisão. Nós estamos de acordo sobre o que faremos?
- É o melhor. – Sussurrou o tigre.
- Então será o que faremos. – Concluiu o pingüim.

Essas foram as ultimas palavras que o homem ancora ouviu antes de ser golpeado pelos três gerais e pelo carneiro. Com o peso de quatro ancoras na cabeça, O homem ancora desmaiou, sem entender o porque de ter sido traído por aqueles que começava a considerar seus amigos, e por aquela que começava a amar. Quando acordou, estranhou. Estava em uma cama. Em sua cama! Sua mãe acabara de sair de seu quarto. Ela tinha o acordado, e tinha dito algo sobre ir para a escola. Tudo fora um sonho! Um sonho muito estranho!

Ele colocou a mão no bolso, instintivamente, e percebeu que não carregava nenhuma ancora. Confuso, olhou para o calendário, e viu que seis meses não haviam se passado. Era como se o tempo tivesse voltado. Ele estava acordado, naquele dia fatídico no qual fora ao bar, e escolhera a ancora azul das mãos do carneiro, que naquela época era um cadáver.

Sem entender direito, o homem ancora foi para a escola. As aulas passaram normalmente, sem que o homem ancora pudesse compreender o que tinha acontecido. Será que realmente tudo fora fruto de sua imaginação? Mas parecia tão real... O recreio

havia chegado, e do mesmo modo que naquele dia em que recebera a ancora, o homem ancora decidiu jogar truco no intervalo. Mas nenhuma frase oculta do tipo “siga a lebre verde” aparecera nas cartas desta vez de modo que o homem ancora finalmente se convencera de que tudo não passara de um sonho estranho.

E assim os dias passaram. O homem ancora voltou a sua rotina, sem conseguir esquecer todo aquele sonho que vivera sobre Trucon. Quase um mês se passou, quando o destino colocou novamente uma ancora sob a guarda do homem ancora. Tudo começou a acontecer em um dia de aula. O professor de português ia faltar, e a escola iria providenciar alguém para substitui-lo. A surpresa do blefador foi grande quando o general das ancoras, o leão, entrou na classe dizendo algo como:

- Bom dia para todos. Como devem saber, vim para substituir o professor de português de vocês, pois todos sabemos que ele terá que repousar por tempo indeterminado devido a uma cirurgia...

Com um salto, o homem ancora arregalou os olhos e começou a gritar:

- LEÃO? É VOCÊ MESMO? NÃO ACREDITO!

O professor de português substituto se assustou com o surto de histeria de seu aluno.

- Que? – Disse, assustado. – Não conheço nenhum leão, só o do zoológico. Meu nome é Percival Antonio da Silva. E vou avisando, odeio que interrompam minha aula. Portanto, quero que vá comigo depois da aula ver o diretor.
- Mas... – Protestou o homem ancora.
- Nada de mas. – Retrucou o professor. – Você acha que pode tumultuar a aula, e ainda se dar bem?

O homem ancora se sentou, indignado. Algo estava errado por ali. Enquanto os seus colegas comentavam e davam risada da estranha reação do homem ancora em relação ao novo professor, ele voltava a lembrar com mais clareza de seus momentos passados em trucon, e a sentir mais saudade de tudo aquilo que tinha vivido por lá.

Quando a aula terminou, o professor conduziu o homem ancora até a sala do diretor. Lá ao entrar, o homem ancora teve outra surpresa. Aquele truconiano feio, que afirmava ser Magaiver, estava sentado atrás da mesa do diretor, com um sorriso maligno em seu rosto, com uma aparência mais próxima de um humano, mas ainda assim, muito feio.

- Muito bem, professor Percival, pode deixa-lo aqui comigo, já sei o que fazer. – Disse o suposto diretor, após ouvir a história que o professor contou.

O homem ancora quase chorou para que o professor ficasse, mas sabia que não ia adiantar nada, então voltou sua atenção novamente para o diretor.

- Bem, homem ancora, nos encontramos de novo, não é? – Começou Magaiver, deixando o homem ancora perplexo.
- Que? O que raios está acontecendo aqui? – Disse um confuso homem ancora.
- Bem, resumindo, seus amigos o traíram, e resolveram manda-lo de volta para o planeta terra. Eles o consideravam um incapaz. Nunca contaram a você toda a verdade. Eram idiotas, e caminham para a destruição da própria raça, mesmo conscientes do que estão fazendo.
- Do que você está falando? – Perguntou o homem ancora.
- Bem, estou falando do fato de que o verdadeiro objetivo dos generais é destruir trucon, destruir a terra, e criar um novo mundo, só com jogadores de truco. Uma nova nação. Neo-Trucon, para ser mais exato.
- Isso é impossível! Para que eles fariam algo assim? – Disse o homem ancora, indignado. Com certeza Magaiver apenas queria envenenar sua mente.

- E por que você acha que eles só libertavam pessoas que jogavam truco?
- Isso era por que... Bem, nós não conseguíamos liberar pessoas que não jogavam truco!
- Isso é apenas uma história. Por acaso você já viu alguém tentar libertar alguém que não joga truco?

Não, o homem ancora nunca havia visto. Ele começava a fraquejar em suas decisões. Talvez estivesse seguindo o caminho errado.

- Isso que você diz não faz sentido! Para começar, o que você faz aqui, na terra fictícia dos truconianos? Você devia estar preso nas montanhas da achação!
- Foi outra mentira que contaram para você? Bem, na verdade, o local onde fui aprisionado foi aqui mesmo na terra! Como você acha que encontrei você no outro dia? Você usou o comando para voltar para a terra, não foi?

Tudo o que Magaiver dizia começava a fazer sentido. Mas ainda restavam duvidas.

- Afinal, por que você está falando isso para mim? E o que o leão está fazendo na terra?
- Bem, digamos que o leão continua em trucon. Esse que está na terra é o irmão gêmeo dele, Percival. E eu estou falando isso para você por que ao contrário daqueles generais de meia tigela, eu acredito nas suas habilidades.

Essas palavras foram o suficiente para o homem ancora acreditar em Magaiver.

- E o que pretende fazer agora? – Perguntou o homem ancora.
- Bem, quero que volte para trucon. E impeça seus antigos amigos de conseguirem destruir todo o mundo, levando a ancora e a trazendo para mim.

- Sim, acho que eu farei isso. Mas como eu volto para trucon?
- Pegue esta ancora. Ela é muito mais poderosa que qualquer outra que você já tenha visto. Ela era usada apenas por mim. Eu confio que você tenha poder suficiente para usa-la.

Saber que alguém realmente confiava nele, foi o suficiente para que o homem ancora pudesse voltar para Trucon tranqüilo. Pegou a ancora em suas mãos, que era incrivelmente leve, e ia procurar uma privada, quando magaiver perguntou:

- Ei, para onde você vai?
- Procurar uma privada para poder voltar para trucon!
- Haha, não precisa. Com essa ancora, tudo o que você tem a fazer é gritar truco com ela em sua mão.
- Ah é? Que bom. TRUCO!

Assim, o homem ancora deixou mais uma vez o planeta terra. Agora, ele ia para Trucon com um objetivo definido em sua mente. Derrotar os doze generais da ancora e o carneiro, para que uma injustiça não fosse cometida. E enquanto o homem ancora sumia, Magaiver apenas sorria. Seu plano estava mais perto do que nunca de ser concluído...

Capítulo 10 – Fim

Finalmente, veremos o fim das aventuras do homem ancora e seus companheiros. Os quatro generais da ancora que acompanhavam o homem ancora tinham acabado de devolver o homem ancora ao seu local de origem. Os quatro estavam em silêncio, e no local onde alguns instantes atrás estava o destemido homem ancora, apenas restaram a ancora azul e a ancora dourada. Embrulhando a ancora dourada em um pacote, o carneiro foi o primeiro a dizer alguma coisa.

- Bem, agora somos apenas nós três.
- Sim. – Disse o pingüim. – E foi melhor assim. Apesar dele ter evoluído muito desde que chegou aqui em Trucon, o fardo que ele carrega é muito maior do que ele possa imaginar.
- Mas quem diria, não? Que magaiver iria escolher justamente o corpo dele para reencarnar... – Comentou o Tigre.
- Bem, agora já está feito. Ele está em segurança na terra. Magaiver não irá alcançá-lo, enquanto continuar preso nas montanhas da achação. E se destruirmos essa ancora dourada, ele nunca mais voltará a incomodar ninguém. Assim, quem sabe possamos trazer o homem ancora de volta para cá... – Disse a Onça, recomeçando a andar em direção as montanhas.

Os quatro começaram a seguir caminho em meio as pedras que se desprendiam da montanha, que na verdade era um vulcão, mas isso não vem ao caso no momento. Eles andaram por mais uma hora, quando de repente (Ueba! Esses "de repentes" realmente são muito animadores!) o Tigre, que enxergava melhor do que todos ali, avistou uma sombra no horizonte...

- Ei, aquele não é o homem ancora?

Foram essas as ultimas palavras que o Tigre disse. No instante seguinte, ele caiu morto, vitima de um raio negro que vinha da direção onde apontara.

- Droga! O que é isso? – Disse o pingüim, armando seu escudo ancora, no momento exato em que outro raio vinha na direção dos três sobreviventes.
- Não acredito... – Balbuciou a onça. – Realmente, é ele! O homem ancora! Afinal, o que ele está fazendo aqui?

Sem dizer uma palavra, o homem ancora gritou algo, e empunhando sua ancora negra em mãos, partiu numa velocidade surpreendente em direção ao carneiro. Algo parecido com um duelo de espadas começara entre os dois. É claro que temos que tirar as espadas, pois nenhum dos dois carregava espadas, e sim ancoras. Era um duelo de ancoras. Um jamais presenciado por toda Trucon.

- Afinal, por que raios você está fazendo isso, ancora? – Começou o carneiro. – Por acaso enlouqueceu de vez? E como você voltou para Trucon? Nós os mandamos para Terra para sua segurança...
- MENTIRA! Você é um mentiroso! Eu sei de toda a verdade! Magaiver me contou lá na Terra! Vocês pretendem criar um mundo só de jogadores de Truco, mas não me contaram nada! Eu não vou deixar que façam isso!

O pingüim percebeu que o homem ancora estava fora de si, e começou a conjurar uma magia antiga para acalmar seu amigo, mas antes disso foi atingido por um raio, e caiu desacordado. O homem ancora parecia fora de si, e o carneiro não estava conseguindo dete-lo. Tudo parecia perdido. Foi quando a onça, depois de verificar se o pingüim ainda estava vivo, começou a caminhar em direção ao combate.O homem ancora, ao perceber a aproximação, começou a hesitar no combate, mas sabia que não podia abrir nenhuma brecha. Então, ele gritou:

- Afaste-se! Não quero feri-la, mas se você chegar mais perto, não vou ser responsável pelos meus atos!

Ao invés de parar, a Onça continuou sua caminhada calmamente.

- Por favor, ouça-me. – Começou ela. – Você acredita mesmo que Magaiver iria falar a verdade para você? Você está confiando mais nas palavras dele do que nas nossas? De seus amigos?

Ao ouvir ela mencionar a palavra “amigos”, o homem ancora hesitou, e esse momento de hesitação foi o suficiente para que o carneiro pudesse desarma-lo. A ancora negra voou pelo ar, mas o homem ancora gritou outro comando, e ela voltou a sua mão, recomeçando assim o duelo de ancoras. E a onça continuava a caminhar em direção aos dois. Desesperado, e sem saber o que fazer, o homem ancora lançou um raio em direção a onça. Tudo se passou em um instante, mas foi como se durasse uma eternidade.

O carneiro desarmou mais uma vez o homem ancora, que por sua vez acabou percebendo a besteira que fizera, e correra em direção a aquela que ele amava. Mas era tarde demais. Ela foi atingida, sem se desviar um milímetro, e sorriu para o homem ancora. Sorriu! Para seu carrasco! Sem saber o que fazer, ele a pegou nos braços, e a beijou pela primeira e ultima vez na vida, pois alguns minutos depois ela estava morta. Quando o pingüim acordou, algum tempo depois, o homem ancora e o carneiro terminavam de fazer os túmulos da onça e do tigre. A ancora negra se desintegrara no ar, no instante que o homem ancora acordara para a realidade.

- Então, os dois morreram? – Perguntou o pingüim.
- Não. Eles não morreram. – Disse o homem ancora, com lágrimas nos olhos. – Foram assassinados. E eu fui o assassino.
- Afinal, o que Magaiver disse para você, para que você ficasse tão estranho?

Relutante, o homem ancora começou a contar a história. Ao terminar, um estranho temor passou pelo rosto do carneiro.

- Quanto mais chegamos perto com essa ancora maldita, mais os poderes dele se fortalecem. Ele conseguiu interceptar um teleporte feito por quatro de nós. Temo o que ele poderá fazer se tiver novamente este tesouro em suas mãos... Devemos destruí-lo o mais rápido que pudermos...

O homem ancora concordou. Agora ele não tinha mais nada a perder. Junto ao carneiro e ao pingüim, ele continuou a caminhada em direção ao topo do vulcão. Quando os três chegaram, o pingüim disse:

- Está certo, então faça o que viemos fazer. Jogue esse tesouro maldito no magma, onde nunca mais ele poderá prejudicar mais ninguém.

O carneiro estava estranhamente ansioso, e não disse nada. Então, com um aceno de cabeça, o homem ancora pegou o embrulho no qual a ancora dourada estava embrulhada, e com um gesto jogou-a no fogo. Ates de joga-la, sentira uma pequena vontade de mante-la para si mesmo, mas o pensamento de que tudo aquilo iria acabar lhe deu forças para continuar. Quando a ancora caiu no magma, e afundou, o homem ancora teve pela primeira vez em muitos meses a sensação de alivio. Sensação essa que durou menos de um minuto. Pois o Carneiro começou a rir desesperadamente:

- HAHAHAHAHAHAHAHA! Finalmente! Depois de tanto tempo! Estou de volta!

E com essas palavras ele pulou no magma. A cena que ocorreu a seguir deixou o pingüim e o homem ancora de bocas abertas. O magma estava se tornando dourado, e sendo absorvido para dentro do corpo do carneiro.

- O que é isso? O que está acontecendo? – Perguntou o homem ancora.
- Simples! – Gritou o carneiro. – Eu sou o carneiro. Mas também sou Magaiver. E também sou Liros.

Enquanto dizia esses nomes, o carneiro assumia essas formas. O homem ancora tentava se esforçar para entender, mas não conseguia. Tudo parecia mais confuso a cada instante que passava!

- Vejo que não estão conseguindo entender. Mas eu vou explicar, pois sei que vocês são tolos demais para entender meu plano.

E assim, o cadáver-carneiro-Magaiver começou a explicar tudo:

"Eu assumi o poder há muito tempo atrás em trucon. Fiz muito pelo meu povo. Ajudei-os a superar os terráqueos. E viram a retribuição que recebi? Fui condenado a ser preso. Mas antes que pudessem me prender, criei a ancora dourada, e lancei uma falsa história. Disse que a ancora dourada era a detentora de todo meu poder, e aquele que a conseguisse poderia recebe-lo. Também disse que a única forma de destruí-la seria jogando-a na montanha da achação.

A segunda parte do plano era mais difícil e dura de ser elaborada. Eu já tinha ouvido falar do carneiro, lendário líder terráqueo, descendente do truconiano traidor que difundira o truco na terra, que estava libertando várias pessoas de suas cápsulas criogenicas. Eu o atrai para uma armadilha facilmente, e o matei. Tomei o lugar dele. E lancei o boato de que ele usou o poder de uma ancora para escapar. Para que não desconfiassem de mim, passei a desempenhar as funções que o carneiro exercia, com profundo desgosto.

Não fazem idéia como foi difícil conviver com uma raça inferior durante tantos anos... Bem, depois de pouco tempo, não fazem idéia da surpresa que tive quando a ancora dourada chegou às minhas mãos, trazida por você, pingüim. Achei que era hora de recomeçar a dar andamento ao meu plano. Primeiro, procurei aquele que tinha o

sangue do carneiro correndo em suas veias. Pois ele seria o único que poderia manusear a ancora dourada corretamente até a montanha da achação, sem se sentir tentado totalmente a fugir com ela.

Esse descendente do carneiro é você, homem ancora. Na verdade, eu mesmo ia levar a ancora para a montanha da achação, mas cometi um erro. Inseri poder demais no artefato, o que poderia acabar me corrompendo também. Bem, acho que a fusão acabou. A ancora dourada, maior canalizador de energia de todos os tempos, transformou todo o magma da montanha em energia, suficiente para que eu possa governar sobre todos os mundos. E a ironia era que vocês podiam ter me impedido, afinal, enquanto eu estava falando, absorvendo energia, era inofensivo. Agora, vocês não podem mais me deter. Hahaha! Adeus! Como recompensa por terem me ajudado, vou deixa-los vivo... Por enquanto!"

- Droga! Quer dizer que estávamos seguindo um falso líder? Que tudo que fizemos foi para levarmos um ditador de volta ao poder? – Disse o homem ancora, desolado.
- Talvez... – Começou o pingüim.- Mas tudo não foi em vão. Ele cometeu um erro em seu plano perfeito. Nos deixou vivos. E nós avisaremos os outros nove generais restantes, e juntos, iremos derrubar Magaiver!
- Sim. Para honrar a memória da onça e do Tigre, acho que é isso que devemos fazer. Ei, Magaiver deixou a ancora vermelha largada no chão, quando pulou no poço de magma!
- Pegue-a para você. Se você é o herdeiro do verdadeiro carneiro, é seu direito carregar as duas ancoras.

Pegando a ancora vermelha do chão, o homem ancora olhou uma ultima vez para o vulcão seco. Ele sentia em seu coração, que a batalha final estava se aproximando...

Sete dias foram necessários para que Magaiver tomasse o poder em toda trucon. Aqueles que apoiavam sua volta no começo, começaram a teme-lo, ao ver os extremos que Magaiver estava disposto a alcançar em sua busca pelo poder absoluto. E aqueles

que desde o começo não o apoiavam começavam a ser reprimidos, por um novo poder que desconhecia limites.

Após esses sete dias, Magaiver resolveu tomar sua primeira ação contra os humanos. Destruir a cidade de Kopas. O que ele não esperava é que todas suas tropas enviadas fossem repelidas por onze homens. Os onze generais da ancora. O homem ancora fora elevado ao mesmo patamar de um, e agora era ele quem comandava o navio da falecida Onça. O navio de Tigre foi passado para Touro. O homem ancora descobrira que para poder usar os verdadeiros poderes das ancoras, e assim se tornar um general, era necessário ter sofrido uma grande perda em sua vida. Isso não mudava a raiva que ele sentia por Magaiver.

Magaiver estava na cidade fortaleza de Zap cercado por seus servos, que tentavam fazer de tudo para agrada-lo. Ele estava nervoso, afinal não conseguira destruir Kopas, o que motivou uma onda de rebeldia entre muitos grupos truconianos. No instante em que ele começava a pensar que havia errado ao deixar o homem ancora e o pingüim vivo, onze naves se aproximavam da fortaleza.

As onze naves dos onze generais. Liderados pelo Leão, cada um dos generais sentia que aquela seria uma batalha decisiva para todos. Para os terráqueos, e para os truconianos. Touro, Homem ancora, Pingüim, Leopardo, Peixe, Escorpião, Cobra, Rato, Puma e Elefante seguiam a nave do Leão de perto, ansiosos pela batalha, ansiando um pouco de paz.

A batalha começou no primeiro dia do calendário terrestre do ano de dois mil e seis. Foram mais doze dias de luta, bombardeios, sangue, e muitas ancoras voando de um lado para o outro. No ar, naves travavam tiroteios com as torres da fortaleza. Em terra, o homem ancora liderava as tropas que lutavam com truconianos, ambos os lados sofrendo muitas baixas. A guerra iria durar por muito mais tempo, se não tivesse acontecido o inusitado. Magaiver entrou no combate.

Saiu de dentro da fortaleza no décimo primeiro dia de guerra, empunhando uma espada. Seu poder era espetacular. Derrubou metade do exército terráqueo com poucos golpes, e a luta parecia estar perdida. Mas algo de estranho começou a ocorrer. Os truconianos começavam a trocar de lado na guerra. Talvez eles começassem a entender que não ganhariam nada lutando por Magaiver, talvez eles apenas seguiram seus

instintos, mas aos poucos, todos os soldados, não importava de qual dos dois lados, estavam lutando contra um oponente em comum: Magaiver.

Mesmo assim, Magaiver seguiu estraçalhando os exércitos até o amanhecer do décimo segundo dia. Foi aí que ele avistou o homem ancora, que seguia indiferente a guerra em direção a Magaiver, empunhando em cada uma de suas mãos uma das ancoras lendárias (Azul e vermelha). Magaiver sentiu o poder exalando do jovem blefador, e temeu por sua vida pela primeira vez naquela batalha. O passo seguinte da batalha obrigou todos os outros soldados a recuarem da batalha e apenas observarem.

O homem ancora juntou suas ancoras em uma única, de cor branca, e atacou Magaiver com toda a ferocidade que alguém poderia empregar. A cada golpe, faíscas voavam, e a terra tremia. Nas naves, os outros dez generais apenas observavam, pois não havia condições de chegar perto dos combatentes. Após uma seqüência de golpes bem sucedidos, o homem ancora estava caído no chão.

- HAHAHAHAHA! Eu venci! E sabe por que? Por que os truconianos são muito mais superiores que vocês, terráqueos! Vocês são destruídos muito facilmente! Eu matei seu antepassado com apenas uma facada no coração! Matei vários, apenas com palavras! Corrompendo corações matei vários outros. Ou se esqueceu do que fiz com seus amigos? Matei aqueles com suas mãos!

Essas palavras foram suficientes para o homem ancora. Ele se levantou, e lentamente ergueu sua ancora. E gritou:

- OUROS!

Com um único golpe da sua âncora ele desarmou Magaiver, que ficou sem ação.

- ESPADAS!

Com o cabo da espada de espadas, o homem ancora jogou Magaiver para o alto, sem que ele pudesse reagir.

- COPAS!

O homem ancora pulou atrás de Magaiver, transmutou sua ancora em uma lança, e a enterrou no peito do truconiano.

- ZAP!

E com a espada de espadas novamente, ele fatiou o corpo de Magaiver em três milhões de pedaços.

- Este foi meu golpe manilhas. Você foi o primeiro a ser derrotado por ele. Até nunca mais, Magaiver!

Após a seqüência de ataques, o homem ancora caiu no chão, exausto. Após tantas batalhas, tanta perseguição, finalmente, a maior de todas batalhas havia terminado. Os soldados de ambos os mundos começaram a comemorar! Os truconianos e terráqueos esqueceram suas diferenças naquele dia. Magaiver havia caído! Essa batalha lendária foi cantada durante muito tempo por todos os cantos de Trucon...

Epílogo – Terra real

Após a grande batalha, como ficou conhecido o conflito de doze dias no qual Magaiver caiu, os onze generais foram chamados para uma audiência com o ministério de Trucon. Praticamente todas as ancoras foram destruídas. Cada terráqueo foi transportado de volta ao verdadeiro planeta terra.

Aqueles que foram libertos também voltaram às suas vidas normais, sem memória do que acontecera um dia em Trucon. Cada um dos dois planetas deveria esquecer o outro com o tempo, sem nenhum ressentimento. Todos acharam que seria o melhor para os dois lados. Foi assim que terminou o conflito entre os dois planetas.

O homem ancora, junto dos outros dez generais da ancora, voltou também para sua vida habitual no planeta. Mas eles, assim como os ministros de Trucon ainda mantêm suas memórias intactas. E as ancoras azul e vermelha ainda existem em algum local perdido pela terra, apenas esperando pelo dia em que seu dono precisará delas novamente. Os onze generais continuam pelo planeta. Caso algo aconteça, eles estão sempre prontos para retomar seus postos, e lutar pelo bem de todo o planeta, e pelo bem do jogo de truco!

FIM (Ou não, quem sabe?)